

7

REVISTA



REVISTA  
IBEROAMERICANA DE  
PENSAMIENTO, CULTURA  
Y EDUCACIÓN JUDÍA

### Por que e para que propósito o hebraico?

Josef Rozenzon  
Buenos Aires, Argentina

### Como nomear 7 de Outubro: O Nome e a Data que Marcarão a Memória Judaica

Natan Waingortin  
Chaco, Argentina

### Vozes da Aliança: Liderança Feminina e Espiritualidade no Judaísmo

Mtra. Mónica Amkie Jaber  
México D.F., México

### O despertar religioso da juventude israelense

Israel Jamitovsky  
Tel Aviv, Israel

### Um professor ou vários professores?

Uriel Romano  
Florida, EE.UU.

### Um Gesto Antológico sobre NOAJ

Ari Dajczman  
Jerusalem, Israel

### O poder do Estado na visão dos sábios judeus

Ethel Barylka  
Maalé Adumim, Israel

### A vulnerabilidade que acende as luzes

Raquel Markus-Finckler  
Caracas, Venezuela

### De nossos leitores

Jose Millet

### Notas culturais

### Milta Nº 7 Janeiro 2026

Revista Ibero-americana de Pensamento, Cultura e Educação Judaica

Milta nasceu da convicção de que as palavras importam. Um eco da Palavra que deu origem ao mundo e à raiz da nossa história, a palavra é o instrumento com o qual construímos significado, memória e futuro. Hoje, em nossa sétima edição, reafirmamos essa missão em um tempo que, cada vez mais, prefere silenciar o outro, seja pelo barulho ensurdecedor do irracional ou pela violência direta.

Escrevo essas linhas após acender a terceira vela de Hanukkah, enquanto em Sydney a comunidade judaica enterra seus mortos – nossos mortos. Sim, uma pequena luz pode quebrar a escuridão. Mas, para que isso aconteça, essa luz deve ser nutrida, sustentada e cuidada, como os sacerdotes do Templo e muitos outros fizeram ao longo do tempo.

A luz do conhecimento também precisa ser nutrida.

Levinas deixou claro: “Para que os valores permanentes do judaísmo...” nutrir almas, elas precisam mais uma vez alimentar cérebros”.<sup>1</sup> Em Milta assumimos essa tarefa: defender a palavra, abrir espaço para o pensamento livre e participar da conversa judaica milenar, a partir do rigor, da razão e da responsabilidade.

No entanto, nesta edição percebemos uma ausência que não podemos mais ignorar. Nos últimos meses, o debate sobre Israel foi substituído pelo peso esmagador de 7 de outubro. Horas e palavras foram investidas em analisar como aquele dia marcou a vida judaica contemporânea, mas ainda há uma resistência — às vezes medo, às vezes perplexidade — em falar claramente sobre a natureza profunda dessa mudança.

Alguns temem que a própria ideia da necessidade do Estado seja corroída; outros sentem um medo mais íntimo; e outros ainda não assumem que, mesmo vindo da diáspora, sua vida está entrelaçada com a existência de Israel. Na Milta, acreditamos que chegou a hora de recuperar a palavra e enfrentar essas questões de frente.

Não pretendemos oferecer respostas definitivas. Mas reivindicamos coragem para fazer as perguntas necessárias, mesmo as desconfortáveis.

Damos as boas-vindas a você nesta edição, na esperança de que o diálogo seja a ponte que nos permita atravessar, juntos, a incerteza do nosso tempo.



## SOBRE O AUTOR

**Ethel Barylka. Diretora e fundadora da revista Milta.** Profissional na área de educação judaica. Ela estudou na Universidade Hebraica de Jerusalém, em Filosofia e Literatura Hebraica, e obteve seu mestrado no Instituto de Judaísmo Contemporâneo da mesma universidade. Concluiu seus estudos em Aplicação da Lei perante os Tribunais Rabínicos nas Instituições de Oh Torah Stone em Jerusalém. Ela é professora no Centro Melton para Educação Judaica da Universidade Hebraica de Jerusalém e no Centro Acadêmico Hertzog. Ela foi coordenadora e diretora de diversos projetos educacionais na esfera judaica latino-americana. Em várias ocasiões, realizou tarefas educacionais no México, Brasil, Uruguai, Chile, Argentina e Espanha; e foi professora em diferentes instituições acadêmicas em Israel. Criadora e diretora do projeto “Mulheres e Judaísmo” – [www.mujieryjudaismo.com](http://www.mujieryjudaismo.com). Ela é autora de: **Judaísmo en Femenino** (2018), **Apuntes sobre la identidad judío postmoderna** (2002) e **El desafío de la Realización** – Historia del Hanoar Hatzioni (1989).

<sup>1</sup> Levinas, E. “Reflexões sobre a Educação Judaica” em *Difficult Freedom*. Ed. Fineo, México. 2005

# ÍNDICE DE ARTIGOS

5

**Por que e para que propósito o hebraico?**

—

Josef Rozenzon  
Buenos Aires, Argentina

12

**Como nomear 7 de Outubro: O Nome e a Data que Marcarão a Memória Judaica**

—

Natan Waingortin  
Chaco, Argentina

18

**Vozes da Aliança: Liderança Feminina e Espiritualidade no Judaísmo**

—

Mtra. Mónica Amkie Jaber  
México D.F., México

23

**O despertar religioso da juventude israelense**

—

Israel Jamitovsky  
Tel Aviv, Israel

27

**Um professor ou vários professores?**

—

Uriel Romano  
Florida, EE.UU.

34

**Um Gesto Antológico sobre NOAJ**

—

Ari Dajczman  
Jerusalem, Israel

39

**O poder do Estado na visão dos sábios judeus**

—

Ethel Barylka  
Ma'aleh Adumim, Israel

48

**A vulnerabilidade que acende as luzes**

—

Raquel Markus-Finckler  
Caracas, Venezuela

51

**Dos nossos leitores**

—

Jose Millet

53

**Notas culturais**

*Iluminando Hanukkah e Os Mestres de Shiló*

**Diretora e Editora:** Ethel Barylka – Israel  
**Assistente de edição:** Yanina Grinberg – Israel  
**Assistente de edição Português:** Deby Freund

**Conselho Editorial:**  
Emilio Betch – México  
Meir Bunytow – México  
Sílvia Cherem – México  
Daniel Colodenco – Argentina  
Laura Fainstein – Argentina  
Liora Gomel – Argentina  
Raquel Markus-Finckler – Venezuela  
Aliza Toker – Argentina  
Eduardo Torres – Israel

**Comitê Consultivo:**  
Yerahmiel Barylka – Israel  
Tomás Freund – Brasil  
Estela Kalinsky – Argentina  
Marcos Metta Cohen – México  
Alberto Senderey – Israel

**Design Gráfico:** Pamela Sadras – Argentina  
**Site:** Tamara Patrich – Argentina

**Endereço:** Hagavish 4, Maale Adumim, Israel

## ABSTRACTS

### Por que e para que propósito o hebraico?

Iosef Rozenzon (Buenos Aires, Argentina)

Aprender hebraico hoje traz desafios que vão além do didático: envolve identidade, pertencimento e vínculo com Medinat Israel. Baseado na experiência na Escola Martín Buber e décadas de reflexão educacional, o artigo examina como a função simbólica do hebraico coexiste com sua função instrumental em um contexto de globalização, influência do inglês e transformações tecnológicas. A tensão entre o ensino de língua e conteúdo, a necessidade de ressignificar o ivrit e a proposta de “retornar à costa” como ferramenta para aprofundar seu significado semântico e cultural são analisadas. O hebraico, portanto, continua sendo fundamental para transmitir a memória e o significado judaico.

### Como nomear 7 de Outubro: O Nome e a Data que Marcarão a Memória Judaica

Natan Waingortin Chichotky (Chaco, Argentina)

Disputas contemporâneas sobre como nomear e datar 7 de outubro de 2023 revelam que essas decisões não são neutras, mas atos de construção de memória e identidade. A partir de exemplos bíblicos, rabínicos e modernos — de Pessach à Shoá até o Yom Haatzmaut — é mostrado que cada nome e cada data expressam uma leitura ética, religiosa ou política dos fatos. O caso de 7 de outubro destaca tensões entre abordagens diaspóricas e israelenses, religiosas e seculares, nacionais e universais. Explorar essas escolhas nos permite entender como a memória coletiva judaica é forjada e transmitida.

### Vozes da Aliança: Liderança e Espiritualidade Feminina no Judaísmo

Mtra. Mónica Amkie Jaber (Cidade do México, México)  
A liderança e espiritualidade feminina têm sido pilares na tradição judaica, desde matriarcas bíblicas até figuras como Miriam, Débora, Ester, Rute e Batsheva. Suas ações demonstram agência, ética e visão, moldando a história e a cultura de Am Yisrael. Integrar essas vozes na educação judaica torna possível formar novas gerações com identidade, sensibilidade moral e espiritualidade ativa, reconhecendo as mulheres não como companheiras, mas como protagonistas fundamentais da narrativa, prática e ensino do judaísmo.

### O despertar religioso da juventude israelense

Dr. Israel Jamitovsky (Tel Aviv, Israel)

Por meio de depoimentos pessoais, pesquisas recentes e análises socioculturais, examina o fortalecimento da fé e de certas práticas religiosas entre amplos setores da juventude israelense desde 7 de outubro de 2023. O fenômeno se manifesta tanto em espaços tradicionais — como as orações de Selich — quanto em ambientes seculares e digitais, e também afeta reféns libertados e suas famílias. Longe de responder aos modelos clássicos de retorno religioso, esse processo expressa buscas de identidade flexíveis e não coercitivas. O texto reflete sobre suas características, tensões e possíveis projeções na sociedade israelense contemporânea.

### Um professor ou vários professores?

Uriel Romano (Flórida, EUA)

Uma tensão central na tradição rabínica clássica é analisada: se o estudo da Torá deve ser feito com um único professor ou por múltiplos mestres. Por meio do estudo de fontes do Tanach, do Talmude e da literatura rabínica, mostra-se como ambas as posições coexistiram historicamente, com argumentos pedagógicos e teológicos a favor de cada uma. A discussão é resolvida ao distinguir entre o estudo da tradição oral — que exigia um único professor para evitar confusão — e o estudo baseado em raciocínio e dedução, enriquecido pela pluralidade de vozes. Por fim, é proposto para o presente um modelo de treinamento que combine profundidade textual com diversidade interpretativa.

### Um Gesto Antológico sobre NOAJ

Ari Dajczman (Jerusalém, Israel)

O texto reflete sobre a reescrita como um gesto literário e um ato de transmissão cultural, baseado em quadros teóricos de Lefevere e Genette, para pensar na antologia e na publicação como formas de intervenção na memória literária. Sob essa perspectiva, a recuperação de textos da revista NOAJ é apresentada como uma reescrita antológica consciente, com o objetivo de reativar diálogos, preservar legados e promover novas leituras. O projeto é assumido como um ato de continuidade e justiça cultural, que busca dar voz novamente a uma literatura judaica marcada pelo exílio, identidade e intimidade compartilhada.

### O Poder do Estado na Visão dos Sábios Judeus

Ethel Barylka (Ma'aleh Adumim, Israel)

A partir de uma leitura histórica e textual das fontes judaicas clássicas, explora-se a concepção de poder estatal no pensamento dos sábios. A ausência de uma teoria estatal explícita na Torá, o lugar central da justiça como base da organização social e as reservas em relação à instituição monárquica são analisadas. Por meio do estudo da monarquia bíblica, da crítica profética ao abuso de poder e do desenvolvimento do princípio haláchico de dina de-malchutá dina, mostra-se como essa visão de poder foi profundamente marcada pela experiência do exílio e pela condição de minoria não soberana. Por fim, reflete sobre os desafios colocados pela restabelecimento da soberania judaica no Estado de Israel e a possível relação entre a lei hebraica, a democracia e a legislação civil contemporânea.

### A vulnerabilidade que acende as luzes

Raquel Markus-Finckler (Caracas, Venezuela)

Diante do ataque sofrido pela comunidade judaica em Sydney durante o Chanukah, o texto reflete sobre uma vulnerabilidade real, não escolhida ou celebrada, que permeia a experiência judaica no Oriente e no Ocidente hoje. Diante do silêncio, do desconforto político e da persistência do antissemitismo, o autor propõe uma leitura do Chanukah como um ato de resistência à identidade. Acender as luzes, mesmo sob ameaça, torna-se um gesto consciente de memória, dignidade e afirmação coletiva. O verdadeiro milagre não está no petróleo, mas na persistência de um povo que se recusa a desaparecer.

# Por que e para que propósito o hebraico?

Iosef Rozenzon (Buenos Aires, Argentina)

Primeiramente, quero agradecer por este chamado porque é uma oportunidade que me convida a juntar algumas reflexões que tive ao longo dos últimos quarenta anos, que coincidem com minha prática na área judaica, tanto na sala de aula quanto na direção da Escola Martín Buber.<sup>1</sup>

**Por que e para que propósito o hebraico?** Antes de responder a essa pergunta com propostas didáticas específicas, vale muito a **pena parar para nos perguntar sobre o significado de seu ensinamento**. De alguma forma, encontro pontos de contato com a questão da identidade judaica que surgiu na época do Haskalah. A questão do significado explode em momentos de mudança e transformação, e olha que desta vez...

Não fazemos o mesmo questionamento, nem com a mesma lógica, com outros conteúdos escolares. No entanto, todo o significado da escola e da educação em geral está sendo repensado com as mudanças tecnológicas vertiginosas e o avanço da IA e sua invasão, não apenas nas escolas, mas na sociedade global.

Já faz algum tempo que ouço uma frase frequentemente dita por alguns estudantes do ensino médio que estudaram como parte da educação judaica durante o ensino fundamental: *“Sou judeu, não entendo nada. Me coloque em um nível inferior.”*

Entendo essa afirmação como uma das possíveis formas de se referir à questão da utilidade do aprendizado do hebraico, um comentário que, por sua insistência, nos leva a supor que ainda não encontramos as estratégias adequadas.

O que um jovem estudante do ensino médio quer dizer quando diz : *“Eu não entendo nada”*? Proponho que tentemos fazer desta enunciação uma leitura nas entrelinhas.

<sup>1</sup> Este artigo é baseado no artigo apresentado pelo autor na Reunião da Rede Latino-Americana de Diretores de Estudos Judaicos – RIKMÁ – realizada em Buenos Aires nos dias 23 e 24 de julho de 2025, e em diálogos com o artigo de Meir Bunytow na edição anterior de nossa revista sobre esse mesmo tema. Você pode ler o artigo aqui: <https://revistamilta.org/por-que-hebreo/>



## SOBRE O AUTOR



Yosef Rozenzon é formado pela Michelet Shazar e possui diploma em Psicologia pela Universidade de Buenos Aires, comprometido com a educação judaica sob uma perspectiva humanista e pluralista. Por quatro décadas, ocupou diversos cargos na sala de aula e na Direção de Estudos Judaicos da Escola Martín Buber, onde acompanha os morim no desenho e implementação de projetos na Área Judaica e nos processos de reflexão sobre o papel do moré e do tutor, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio. Contato: iosef@buber.edu.ar

Talvez um jovem daquela época, ao contrário de algumas décadas atrás, esteja dizendo que é uma língua que não o invoca, que é estranha para ele por muitos motivos. Que não é essencial saber hebraico para progredir nos estudos ou para acessar uma carreira profissional futura, como matemática, inglês ou ciência da computação. Que, quando se trata de dedicar energia à variedade e quantidade de requisitos escolares de uma escola secundária, o hebraico não está entre as “dez principais” prioridades. Que já não é tão claro que *ivrit*, para as gerações mais jovens (de alunos, pais—e morim!—) é שפת עם<sup>2</sup> (*sfat am*, língua nacional), mas sim parece ser um שפה זרה<sup>3</sup> (*safa zara*, língua estrangeira).

Sem querer cair em uma generalização banal, as dificuldades em aprender hebraico têm mais a ver com uma questão de significado do que com a falta de recursos cognitivos. **Aqueles que mais sabem não estão nos níveis mais altos, mas sim aqueles que mais querem aprender** e têm o apoio de uma família que olha não apenas para o valor instrumental da língua, mas também para sua função simbólica, de identidade e de pertencimento.

### Hebraico: Um Espaço de Disputa Entre Identidade, Pertencimento e Cidadania Global

No artigo “*Língua e Construção Nacional em Israel*”, William Safran diz: “Ao contrário de outros nacionalismos, o sionismo foi criado para criar, não apenas recuperar, um senso de nacionalidade, e nesse processo o hebraico emergiu como uma poderosa ferramenta simbólica. Para alguns pensadores, o hebraico era o último vestígio da antiga glória do povo judeu. Assim, a linguagem passou a ocupar um lugar

*central não apenas por sua carga histórica e religiosa, mas também por sua capacidade de articular um novo projeto político.”*<sup>4</sup>

Todos reconhecemos na figura de Eliezer Ben Yehuda, o pai da língua hebraica moderna, que tinha um plano estratégico para tornar o hebraico litúrgico a língua nacional do moderno Estado de Israel.

## O universo de redes e tecnologias habitado pelos jovens deve ser mais aproveitado para introduzir o aspecto lúdico no processo de aprendizado do *ivrit*.

No entanto, Safran diz: “*A revitalização do hebraico não foi um caminho livre de conflitos. Havia uma comunidade judaica multilíngue: o iídiche era a língua de milhões de judeus na Europa Oriental; o ladino era a língua dos sefarditas; e muitos também falavam as línguas dos países anfitriões. Nesse contexto, o hebraico competia não apenas com línguas estrangeiras, mas com línguas profundamente enraizadas na experiência judaica*” (idem).

O confronto entre iídiche e hebraico foi tão intenso que este último foi imposto até por meio de coerção simbólica: o uso do iídiche em instituições oficiais, na mídia e até mesmo nas ruas foi desencorajado.

Essa disputa também se manifestou nos espaços institucionais comunitários da diáspora e, especialmente, nas escolas judaicas. Lembrome, na primeira pessoa, de ter estudado minha primeira série em iídiche e na terceira, que eu já estava estudando em hebraico.

<sup>2</sup> [Ed.] שפת עם - Sfat am - Língua nacional, do povo (trocadilho com “sfat em”, língua materna).

<sup>3</sup> [Ed.] שפה זרה - Safá zará - Língua estrangeira, estranha.

<sup>4</sup> Safran, Willam - “*Língua e construção nacional em Israel: o hebraico e seus rivais*” - Nations and Nationalism 11 (1), 2005, 43–63. ASEN 2005 –2005, 43–63. Departamento de Ciência Política da ASEN, Universidade do Colorado, Boulder 80309-0333, EUA

Trazendo essa disputa até os dias atuais, hoje em Israel há preocupações sobre o empobrecimento da língua hebraica. O fenômeno do **Heblish** é mencionado (hebraico + inglês). Quero parar aqui com alguns exemplos porque o fato de esse fenômeno ocorrer em Israel não está isento de consequências para as comunidades judaicas do mundo.

1- Todos nós que – em maior ou menor grau – acompanhamos a participação de Israel no *Eurovision*, vimos como, ao longo dos anos, Israel passou de apresentar músicas exclusivamente no Ivrit para músicas que – nos melhores casos – mal têm um verso em hebraico sendo quase inteiramente em inglês.

Entendo que, em uma vitrine internacional e politizada como o *Eurovision*, e ainda mais nos últimos dois anos, Israel precisa transmitir uma mensagem clara ao mundo sobre a dor que precisa elaborar como sociedade a partir de 7 de outubro de 2023. Mas a realidade é que, mesmo antes dessa data, Israel já apresentava suas canções em inglês.

## A questão do significado explode em momentos de mudança e transformação, e olha que desta vez...

No caso de línguas faladas exclusivamente em um único país, é quase necessário usar o inglês ao direcionar uma mensagem ao mundo. O dilema entre o cuidado com a linguagem como identidade cultural e a comunicação com o resto do mundo é resolvido de maneiras diferentes no palco do *Eurovision*. Israel, assim como muitos países europeus – Holanda e Alemanha, por exemplo – recorre ao inglês quando se trata de se apresentar em um cenário internacional.

No entanto, Itália e França apresentam as músicas em seus próprios idiomas.

2- Quando no Yom Ha'atzmaut o Primeiro-Ministro de Israel dirige uma mensagem às comunidades judaicas do mundo, ele também a faz em inglês. Eu poderia fazer em hebraico com legendas, mas sua mensagem está em inglês.

3- Finalmente, trago outro exemplo – mais relacionado à sociedade israelense – para dimensionar o problema do “*Heblish*”. Um fragmento da canção 6 “*Haivrit Hachadashá*” de Hatikvah do ano de 2018:

או מ"י גאד  
שפה קשה  
העברית החדשה  
אנ'לא מבין את המבטא  
דבר אליי עברית בבקשה<sup>5</sup>

É uma canção que funciona como uma observação crítica e com certa ironia sobre a evolução do hebraico em tempos de globalização digital. Por meio do humor, Hatikvah 6 nos convida a refletir sobre se esse “novo hebraico” preserva a essência da língua ou, ao contrário, a dilui. Embora possa parecer apenas uma crítica linguística leve, oferece uma visão cultural mais profunda: como definimos nossa identidade quando até a linguagem é transformada por influência externa?

Trago esses exemplos porque me parece que são mensagens que, de certa forma, alcançam nossas comunidades, nossos estudantes. Eles fazem parte do contexto cultural que não devemos subestimar ao nos perguntar o significado de aprender hebraico para as gerações mais jovens.

É assim que, em maior ou menor grau, testemunhamos o lugar que, ao longo dos anos, o inglês tem ocupado na carga curricular de nossas escolas e na avaliação das famílias.

<sup>5</sup> [Ed.] O versículo, traduzido para o inglês, seria: “Ó meu Deus, que língua difícil é o novo hebraico. Não entendo o sotaque; fale comigo em hebraico, por favor.”

Algum tempo atrás, compartilhei uma conversa com colegas de uma escola armênia que disseram coisas muito parecidas com o que dizemos sobre o hebraico sobre o ensino da língua deles; que era difícil para os estudantes apropriarem-se do armênio com entusiasmo e convicção.

Parece que, à medida que as gerações se afastam dos primeiros fluxos migratórios, elas também estão se distanciando das línguas dos locais de origem. Isso aconteceu com o iídiche, acontece com o armênio e certamente também acontece com outras línguas comunitárias. No entanto, no caso do hebraico, deveria ser um pouco diferente porque nenhum dos nossos avós desembarcou dos navios falando hebraico. No entanto, quando chegaram às diferentes latitudes, o hebraico estava se consolidando como a língua nacional do Estado de Israel. Havia um consenso de todas as comunidades judaicas do mundo em apoiar o hebraico como referência, não apenas para cidadãos israelenses, mas para todos os kehilot que reconhecem em Medinat Israel a centralidade política, cultural e espiritual. Na verdade, a força do ivrit em nossas escolas estava em solidariedade com as primeiras décadas do Estado de Israel.

Nós, que fomos treinados nesses anos, passamos pela experiência de mais de um israelense nos perguntando como é que sabemos ivrit sem necessariamente ter vivido ou estudado em Israel. Esse era um fenômeno representativo da educação judaica há algumas décadas e temo que ele não represente mais as gerações mais jovens. Na verdade, quando viajei para Israel

pela primeira vez aos 20 anos como parte da formação na Michhlalah, tive a sensação de certa familiaridade em poder interagir com outros em ivrit.

Seguindo esse raciocínio, o ensino/aprendizagem do ivrit é, em grande parte, responsabilidade das escolas, mas também é, em grande parte, efeito do consenso comunitário, às vezes mais implícito do que explícito, que vai além da questão puramente pedagógica. Essas são tendências sociais e culturais que influenciam, de alguma forma, as decisões curriculares que tomamos em nossas instituições.

O fato de o ivrit ter um lugar de certa alienação nas gerações jovens de estudantes, pais e, o que é ainda mais complexo, nos próprios morim é um processo que estava se formando há vários anos. Na minha opinião, esse fenômeno responde a questões que já mencionei, como o avanço do inglês como língua instrumental globalizada e o enfraquecimento do apoio simbólico que impulsionou o projeto sionista nas primeiras décadas do surgimento de Medinat Israel.

### **Tensão entre a função instrumental e a função simbólica do hebraico**

Quanto à função instrumental, o hebraico compartilha, como qualquer idioma, a possibilidade de desenvolver as habilidades linguísticas para se comunicar naquela língua. Ou seja: compreensão auditiva, leitura, oral e escrita.

**o ensino/aprendizagem do ivrit é, em grande parte, responsabilidade das escolas, mas também é, em grande parte, efeito do consenso comunitário, às vezes mais implícito do que explícito, que vai além da questão puramente pedagógica.**

Quando me refiro à função simbólica, estou pensando na questão da identidade e do pertencimento do hebraico e na ligação com Medinat Israel. Algumas décadas atrás, me peguei dizendo que *“o hebraico é a chave para acessar a cultura do nosso povo”*, está no DNA, tanto da cultura milenar quanto da produção cultural israelense contemporânea.

Mas hoje, e já faz algum tempo, entendo quem mais e quem menos *“estava perdendo a chave, ou trocava a fechadura.”* E desde então temos tentado diferentes estratégias; mas não conseguimos necessariamente abrir a porta ou fazemos isso de forma muito parcial, intermitente e limitada.

Uma dessas chaves é, sem dúvida, a didática. Acho que uma das coisas que aconteceu foi gerar nos alunos a sensação de que estão aprendendo hebraico em um *formato de loop* e que, ao contrário do inglês, eles não têm clareza sobre o progresso na aquisição do ivrit.

Nesse sentido, e para combater esse efeito de ciclo no ensino do hebraico, acolho e apoio a iniciativa do projeto *Ivrit*<sup>6</sup> Bashetach, que tem ordenado, há cinco anos, uma sequência de progressão linguística que fornece um **roteiro** para os Morim para o Ensinar e os alunos a possibilidade de reconhecer que estão crescendo na aquisição de linguagem à medida que avançam em cada uma das etapas propostas pelo programa.

O problema é que, ao longo dos anos, uma lacuna cada vez maior foi gerada em relação à *“chave de acesso”*, ou seja, as habilidades que os alunos possuem para acessar produções culturais em hebraico. Nesse sentido, acredito que, em maior ou menor grau, temos resolvido o **dilema entre linguagem e conteúdo** ao renunciar cada vez mais ao שפה — linguagem — em favor da defesa do conteúdo.

História Judaica foi a primeira matéria a ser transferida para o espanhol e, pouco a pouco, para o restante do conteúdo também. Na verdade, há vários anos venho dizendo aos Morim: *“Não podemos continuar ensinando Tanach como se as crianças tivessem as ferramentas linguísticas que nós tínhamos quando aprendemos Tanach.”* Claro, não é o mesmo acessar o Tanach em ivrit que fazê-lo em inglês. Se quisermos defender o poder simbólico de Ivrit, o que melhor do que o Tanach em Ivrit. Mas qual é o sentido de investir tantas horas avançando em alguns psukim? Não perderemos o interesse de nossos alunos pelo Tanach se suas competências linguísticas em relação ao acesso às fontes em sua língua original estão tão distantes de suas possibilidades reais?

Na equação do acesso ao conteúdo vs. defesa da língua hebraica, optamos por privilegiar o acesso ao conteúdo em espanhol. Mas, ao tomar essa decisão, ao mesmo **tempo renunciamos à transmissão da função simbólica de ivrit.**

Parar na função instrumental do hebraico é uma condição necessária, mas não suficiente. Adquirir ferramentas para que nossos alunos se comuniquem em *ivrit* lhe confere um status que iguala as mesmas condições que a aquisição de qualquer outra língua tem para seu domínio, mas não necessariamente lhe confere esse acréscimo que *ivrit* tem em sua função simbólica.

Famílias e estudantes reconhecem em inglês o poder de uma linguagem instrumental por excelência; Mas não sei até que ponto eles esperam e valorizam adquirir ferramentas de comunicação no *IVRIT*. Talvez, se jovens israelenses se reúnem com jovens da América Latina, em que idioma eles se comunicam hoje?

<sup>6</sup> **Ivrit Bashetach** (עברית בשטח) é um **programa de ensino de hebraico** desenvolvido pelo **Vaad Hachinuch-AMIA**, a **Organização Sionista Mundial** e pela **Meizam Hatfutsot-United**. O diretor pedagógico é o Prof. Fabio Redak, da Universidade Hebraica de Jerusalém. O programa consiste em 5 níveis progressivos e é voltado para o ensino de hebraico comunicativo.

Outra frase que ele disse alguns anos atrás: “uma criança que aprende inglês tem uma ferramenta poderosa para conquistar o mundo; e aqueles que aprendem hebraico têm um recurso simbólico para consolidar uma identidade, um sentimento de pertencimento.”

### Algumas conclusões, algumas pistas

A escola é responsável pelo que e como ensina, mas, em relação ao *ivrit*, não basta melhorar a disciplina didática, mas também é uma questão de **reinventar um misticismo que inclui alunos, famílias e morim. Trata-se de ressignificar significado e renovar o desejo de ensinar e aprender *ivrit*. Um grande desafio pela frente...**

Refiro-me ao **fortalecimento da função simbólica** do *ivrit* em seus vínculos com o legado do nosso povo e com Medinat Israel; com o passado, o presente e o futuro.

Proponho, como possível linha de trabalho para continuar pensando para o desenvolvimento futuro, que **“Vamos voltar para a Shoresh!”**<sup>7</sup>. Não digo isso de uma posição melancólica que nos faça cair na ilusão de que vamos recuperar níveis de ensino do *ivrit* com que fomos treinados e ensinados há várias décadas. Estou me referindo ao shoresh **como a pedra angular da arquitetura da língua hebraica, a partir da qual uma rede de significados pode ser montada para entender as profundas relações entre palavras e conceitos que, em outras línguas, pareceriam não conexas.**

### Alguns exemplos:

- Conectar que a palavra **שלום** (*shalom*) é muito mais do que hello, tchau e paz se a relacionarmos a (shalem, completo) **שלם**, (tashlum, pagamento) **תשלום** y mushlam, perfeito) **מושלם**<sup>8</sup>.

- Que a caridade não é a mesma que **צדקה** (*tzedaka*, Justiça Social), se associarmos à palavra **צדק** (*tzedek*, justiça).<sup>9</sup>

- Aquele que tem **רחמים** (*rachami*, misericórdia) para com seu próximo é como se estivesse hospedando o outro, assim como uma mãe abriga seu bebê em seu **רחם** (*rechem*, útero).<sup>10</sup>

**Acho que uma das coisas que aconteceu foi gerar nos alunos a sensação de que estão aprendendo hebraico em um formato de loop e que, ao contrário do inglês, eles não têm clareza sobre o progresso na aquisição do *ivrit*.**

- Que a palavra amigo, conexão e sociedade compartilham a mesma raiz em hebraico: (j-v-r) **חבר** e que isso não é coincidência, mas sim uma **chave que a semântica do hebraico nos permite entrar em seu universo simbólico mais profundo.**<sup>11</sup>

<sup>7</sup> [Ed.] O autor propõe “retornar à raiz [*shóresh*].” Na linguística hebraica, o *shóresh* é o núcleo consonântico — geralmente três letras — do qual se formam palavras relacionadas entre si em significado. Não é apenas uma ferramenta gramatical, mas uma **chave semântica**: palavras que compartilham diálogos *shóresh* entre si e constroem um campo de bom senso.

<sup>8</sup> [Ed.] שלום (*shalom*, paz/plenitude) está ligado a שלם (*shalem*, completo), תשלום (*tashlúm*, pagamento) y מושלם (*mushlam*, perfeito), o que permite que a paz seja entendida como um estado de integridade e equilíbrio.

<sup>9</sup> [Ed.] A palavra צדקה (*tzedakah*, justiça social/ajudar os necessitados) compartilha uma raiz com צדק (*tzédek*, justiça). Essa relação revela uma concepção ética em que ajudar o outro não é caridade voluntária, mas uma expressão de justiça.

<sup>10</sup> [Ed.] O termo רחמים (*rahamim*, misericórdia) vem da mesma raiz que רחם (*rechem*, útero). No universo semântico hebraico, a compaixão é concebida como uma forma de acolhimento e profundo cuidado pelo outro e tem uma conotação feminina.

<sup>11</sup> [Ed.] As palavras חבר (*chavér*, amigo), חבור (*jibúr*, conexão) e חברה (*jevrá*, sociedade) compartilham a raiz ח-ב-ר (*j-b-r*), que expressa a ideia de união. Assim, o hebraico apresenta o vínculo humano como base da vida social.

- Que ter um מצפן (matzpen, bússola) para encontrar o צפון (tzaphon, norte) é uma das formas possíveis de ter מצפון (matzpún, consciência).<sup>12</sup>

- Será uma questão de reinventar מפתח (mafteach, chave) para redescobrir as formas de לפתח (lefateach, desenvolver), não apenas a aquisição da língua hebraica, mas também da identidade judaica e sionista na época da IA.<sup>13</sup>

Da mesma forma, acho necessário recuperar, durante toda a escola, o componente lúdico com que os pequenos aprendem Ivrit com prazer, gerando seus equivalentes para diferentes idades. O universo de redes e tecnologias habitado pelos jovens deve ser mais aproveitado para introduzir o aspecto

lúdico no processo de aprendizado do *ivrit*.

Por fim, cito uma frase literal de um novo interlocutor que recentemente entrou para minha equipe e que me deu a seguinte resposta para a pergunta que nos une neste painel:

*“Ensinar hebraico na Diáspora é um ato de compromisso com a memória, identidade e futuro do povo judeu. Também é uma tarefa desafiadora, que precisa ser repensada com criatividade, paixão e visão pedagógica. O hebraico pode continuar sendo uma língua de encontro, de raízes e de projeção, se conseguirmos fazer com que os alunos a vivam como parte significativa de sua experiência pessoal e comunitária.”* Chat GPT



<sup>12</sup> [Ed.] A raiz compartilhada entre מצפן (matzpén, bússola), צפון (tzafón, norte) e מצפון (matzpún, consciência) liga a orientação espacial à orientação ética, sugerindo que ter direção e ter consciência fazem parte do mesmo quadro conceitual.

<sup>13</sup> A palavra מפתח (maphteach, chave) está relacionada ao verbo לפתח (lefateach, desenvolver). Essa conexão possibilita uma leitura simbólica do desenvolvimento como abertura, chave para pensar sobre linguagem, identidade e cultura em contextos de transformação tecnológica.

# Como nomear 7 de Outubro: O Nome e a Data que Marcarão a Memória Judaica

Natan Waingortin Chichotky (Chaco, Argentina)



## SOBRE O AUTOR



Natan Waingortin, nascido em Santiago do Chile, é rabino formado pelo Seminário Rabínico Latino-Americano, com estudos complementares em Israel, e possui diploma em Psicologia Organizacional (UTEL, México). Ele atua como rabino da Comunidade Judaica de Resistência (Chaco, Argentina) e foi diretor da Biblioteca do Seminário Rabínico, onde também lecionou Bíblia, Literatura Rabínica e Liturgia. Pesquisador independente, destaca-se por integrar fontes clássicas do judaísmo com ferramentas tecnológicas, e participou de um projeto sobre os Manuscritos Hebraicos da Biblioteca do Vaticano. Contato: nwaingor@gmail.com / +5491140279198

## Introdução

No segundo aniversário, 7 de outubro, instituições judaicas ao redor do mundo enfrentaram duas questões fundamentais:

**Em que data devemos lembrar dele? E como devemos chamá-la?**

As respostas estão longe de ser unânimes. Alguns o chamam de “O Ataque do Hamas”, outros de “O Pogrom Simchat Torá”, “O Início da Guerra em Gaza” ou simplesmente “Sete de Outubro.”

Por trás de cada escolha estão escondidas diferentes concepções de identidade judaica, memória e dos valores que desejamos transmitir.

Este artigo analisa a forma como os povos — e o judaísmo em particular — escolhem **nomear e datar suas tragédias e vitórias**, entendendo esses atos como processos de construção de significado e identidade. A partir de exemplos bíblicos, rabínicos e modernos, veremos que datas e nomes não são dados neutros: são decisões ideológicas, religiosas e políticas que moldam a memória coletiva.

A partir de ejemplos bíblicos, rabínicos y modernos, veremos que las fechas y los nombres no son datos neutros: son decisiones ideológicas, religiosas y políticas que modelan la memoria colectiva.

## I. O Poder do Nome

O nome que damos a uma experiência determina a forma como a interpretamos.

Mesmo no dia a dia, o mesmo fato pode receber leituras opostas: reprovar em uma prova pode ser *um fracasso ou uma lição sobre o valor do esforço*.

## Pessach: a escolha do significado

O Pessach comemora o êxodo do Egito. No entanto, pode ter sido chamado de “Dia da Escravidão da Tristeza”, “Dia da Vingança contra o Faraó” ou “Festa de Moshe”. Em vez disso, o judaísmo escolheu **celebrar a liberdade e a proteção divina**, não o sofrimento ou a vingança.

A Torá e a tradição oferecem vários nomes para esse feriado: Chag haPessach (pelo “salto” ou proteção de Deus durante a peste dos primogênitos), *Chag Hamatzot* (por pão ázimo), *Chag Ha Aviv* (festival da primavera) e *Zman Cheruteinu* (tempo da nossa liberdade). Cada um destaca um aspecto diferente: o milagre, a humildade, o ciclo agrícola ou a redenção moral.

Esses nomes, formalizados pelos **sábios do Talmude (Chazal)**, expressam uma interpretação ética da história: a libertação é mais importante do que a vingança.

## Rosh Hashaná e Shavuot: Resignificando o Tempo

A Torá chama **Rosh Hashaná** de *Yom Teruah*, o dia do sopro do shofar. Os sábios redefiniram como Yom Hadin (Dia do Juízo), Yom Hazikaron (Dia da Lembrança) e *Rosh Hashaná* (início do ano). A ênfase mudou do som ritual para a **responsabilidade moral do ser humano** perante a criação e seu Criador.<sup>1</sup>

De forma semelhante, **Shavuot** — chamado na Torá *Chag Hashavuot*, *Chag Habikurim* ou *Atzeret* — foi interpretado rabínicamente como **o dia da entrega da Torá no Monte Sinai**, um significado não explícito no texto bíblico. Assim, história e espiritualidade se uniram no mesmo período.

## II. Nomeando a tragédia: de “Holocausto” a “Shoah”

Durante a Segunda Guerra Mundial, os nazistas perpetraram o genocídio de seis milhões de judeus. Mas mesmo antes do fim do conflito, a disputa sobre **o que chamar a catástrofe começou**.

**Por trás de cada escolha estão escondidas diferentes concepções de identidade judaica, memória e dos valores que desejamos transmitir.**

### Três nomes, três leituras

- **Holocausto** vem do grego *holokauston*, uma tradução do hebraico *olah*, “oferta completamente queimada.” O termo implica sacrifício, expiação e purificação. Foi rejeitado pelos setores sionistas devido à sua **conotação religiosa e passiva**, estranha à visão de um judaísmo moderno e ativo. Além disso, foi aplicado a outros genocídios – como o genocídio armênio – perdendo especificidade.
- **Churv**, uma forma iídiche de *Churban* (“destruição”), evocava a queda dos Templos de Jerusalém. Para muitos sobreviventes religiosos, o termo expressava continuidade histórica e teológica. No entanto, ele foi criticado por aqueles que viam nele uma interpretação punitiva, mais um castigo divino na cadeia de tragédias.

<sup>1</sup> Yom Thura: Bamidbar 29:1. Yom Zihron Kahrah: Vayikra 23:24. Rosh Hashaná: Mishná, Rosh Hashaná 1:2. Yom Hadi: Talmud Babli, Rosh Hashaná 16b.

<sup>2</sup> Shoá נִשְׁחָף aparece 13 vezes no Tanakh: Isaías 10:3 e 47:11, Yehezkel 38:9, Tzefania 1:15, Tehilim 35:8, 35:17 e 63:10, Missel 1:27 e 3:25, Iyov 30:3, 30:14 e 38:27.

- **Shoá**, uma palavra hebraica que aparece no Tanach<sup>2</sup> para descrever catástrofes com consequências devastadoras, foi oficialmente adotada pelo Estado de Israel e pelo Yad Vashem. No entanto, alguns objetam que seu significado original – desastre natural – poderia minimizar a responsabilidade humana pela barbárie.

Cada denominação reflete uma leitura diferente da história: **sacrifício, punição ou destruição deliberada.**



### III. 7 de outubro: O Nome da Ferida

Desde 2023, diferentes expressões têm competido para definir como chamar aquele dia:

- **Pogrom da Simchat Torá**, rejeitado por aqueles que consideram que evoca a passividade judaica da Diáspora.
- **Ataque Simchat Torá**, que ressalta a coincidência com o feriado, embora para grande parte do público israelense e da diáspora sua dimensão religiosa esteja distante.
- **Shabat Shchorah** (“Shabat Negro”), uma expressão usada já na Idade Média pelos judeus asquenazes para comemorar os massacres da Primeira Cruzada de 1096 (*Schwartz Shabos*). Também foi usado em uma operação britânica em 1946 contra organizações clandestinas judaicas na Palestina. No entanto, alguns questionam ligar o Shabat – um dia de paz e santidade – à escuridão da tragédia.
- **Tevach Shiva Be Oktober** ou **Shvii LaAsiri** (“o massacre de 7 de outubro”), focado na data civil, levanta o dilema de usar o calendário gregoriano em vez do hebraico.

Cada termo implica uma escolha de foco: diaspórico ou soberano, religioso ou secular, nacional ou universal.

#### IV. O peso da data

Assim como o nome define o conteúdo, **a data determina a estrutura simbólica.**

A história judaica oferece exemplos eloquentes de como o calendário molda o senso de memória.

- **Pessach:** Na Torá, o dia 14 de Nisan é o *Chag HaPessach* e, a partir do dia 15, o *Chag Hamatzot* é celebrado por 7 dias<sup>3</sup>. Em outras palavras, parecem ser dois momentos festivos contíguos. A tradição rabínica **os fundiu em um único feriado**, de modo que hoje falamos de Pessach como um bloco. É um exemplo precoce de como o calendário é integrado e ordenado para lhe dar coerência e significado.
- 
- **Shavuot:** Na Torá, a data depende da contagem de 7 semanas de Pessach. Mas houve discussões sobre quando contar. Dessa diferença emergiu, no cristianismo, que o Pentecostes – derivado do mesmo conte – é sempre celebrado em um domingo, 7 semanas após o Domingo de Páscoa. O judaísmo, por outro lado, fixou a data do mês segundo a contagem de Omer. Ou seja: havia mais de uma possível leitura do mesmo mandamento bíblico.<sup>4</sup>
- **Rosh Hashaná:** O Talmude<sup>5</sup> discute si el mundo fue creado en Tishrei discute se o mundo foi criado em Tishrei ou em Nisan. No final, a prática fixou o **Rosh Hashaná em Tishrei**, e com isso ordenou todo o ciclo de Yamim Noraim. É outro exemplo de como uma discussão de princípios termina em uma fixação de um calendário que então se torna natural.



Shoshke Engelmayer / 25 de junho de 2025

#### Yom Ha'atzmaut: Independência e Seu Próprio Calendário

O Estado de Israel foi declarado em **14 de maio de 1948**, mas o aniversário não é celebrado nesse dia. Desde 1949, por decisão parlamentar, o **dia 5 de Iyar**, data hebraica da independência, é comemorado.

Essa escolha expressa uma ideia profunda: a **soberania judaica está inscrita em seu próprio tempo sagrado**. O calendário civil é subordinado ao hebraico, reafirmando a continuidade entre o político e o religioso.

A data do *Yom Ha'atzmaut* foi ajustada várias vezes para evitar coincidir com Shabbat. In 1950, por exemplo, foi antecipada para o dia 3 de Iyar. Naquele mesmo ano, o *Yom Hazikaron* (Dia da Memória) foi estabelecido na véspera, e o *Yom Hashoah* na semana anterior. As datas e nomes foram finalmente estabilizados apenas em 1963 e revisados novamente em 1997.

<sup>3</sup> Torá, Vaikrá 23:5-6.

<sup>4</sup> Talmud Babli, Rosh Hashaná 6b, Menachot 66a.

<sup>5</sup> Talmud Babli, Rosh Hashana 10b-11a.

Até mesmo o nome *Yom Haatzmaut* substituiu outras propostas: *Yom Hakomemiut* (“dia da independência nacional”) ou *Yom Hamedina* (“dia do estado”).

## V. Yom Hashoah: Debates sobre a Lembrança

- A escolha da data para lembrar a Shoah mostra que **não existe uma única forma legítima de memória**. O genocídio não teve um momento específico, mas um longo processo; Sua comemoração depende do valor que deve ser destacado.
- **Os setores religiosos** propuseram o dia **9 de Av**, um dia de luto por grandes tragédias nacionais como a destruição dos dois Templos de Jerusalém, ou o **10º de Tevet**, conhecido como *Yom Hakadish Haklalí*, um dia para recitar o *Kaddish* para aqueles que não têm data conhecida de morte.
- **O movimento sionista** propôs marcar a memória da Shoá com a **revolta do Gueto de Varsóvia** para enfatizar o heroísmo e a resistência. Começou em 19 de abril de 1943, data escolhida porque era 14 de Nisã, véspera da Pessach, a festa da liberdade.

O problema óbvio surgiu de sobrepor a alegria da Pessach com a tristeza da lembrança da Shoá, o que levou a transferi-la para o dia 27 de Nisan, que já era uma data de luto observada na Terra de Israel para lembrar os judeus que caíram durante a Revolta Árabe na Palestina de 1936-1939.

Um novo problema foi que o mês de Nisan é considerado o mês da redenção, no qual a halachá proíbe o luto. Mesmo assim, o dia 27 de Nisan foi adotado em Israel, priorizando a exaltação da coragem em detrimento da observância ritual.

**A forma como o povo judeu escolher chamar e lembrar o dia 7 de outubro determinará como sua memória será transmitida às gerações futuras, quais valores serão preservados e quais lições serão inscritas na consciência coletiva.**

Os nomes oficiais também mudaram:

- Em 1949 foi o *Yom Hashoah uMered haGuetaot* (“dia da Shoah e a rebelião dos guetos”);
- Em 1953, *Yom Hashoah vahaGevurah* (“dia da Shoah e do heroísmo”).
- Em 1977, Menachem Begin propôs cancelar a data especial do *Yom Hashoah* e transferir a lembrança da Shoá para o dia 9 de Av, reservando o heroísmo dos guetos e partidários para o *Yom Ha’atzmaut*; sua iniciativa foi rejeitada.

Em 2007, a **ONU instituiu 27 de janeiro** – dia da libertação de Auschwitz – como o *Dia Internacional de Lembrança das Vítimas do Holocausto*.

Três datas, três memoriais: Nisan 27 exalta a coragem judaica; o dia 9 de Av e o 10 de Tevet integram a tragédia à história sagrada; 27 de janeiro universaliza a catástrofe.

## VI. 7 de outubro no calendário

O ataque do Hamas ocorreu em **22 de Tishrei de 5784**, dia da **Simchat Torá** (em Israel), e em **7 de outubro de 2023** no calendário civil.

Se a data gregoriana fosse mantida, surgiriam alguns problemas: em 2025 ela coincidiria com **Sucot**, e em 2030 com o **Yom Kippur**. A sobreposição com festividades de alegria ou jejum tornaria sua lembrança inviável.

Adotar a data hebraica também não é fácil: o dia 22 de Tishrei é precisamente Simchat Torá.

Por essa razão, o governo de Israel decretou que o **Dia da Lembrança dos Caídos na Guerra da Espada de Ferro** fosse celebrado no dia 24 de Tishrei, ou no dia 25 se caísse no Shabat.

No entanto, essa decisão **ainda não foi amplamente implementada na diáspora**, onde muitas instituições desconhecem a disposição. As razões são diversas: a guerra ainda está em andamento, a ferida ainda está aberta e a discussão persiste sobre a legitimidade do governo para definir os símbolos ligados ao conflito.

## VII. A Memória das Guerras: O Precedente do Yom Kippur

A **Guerra do Yom Kippur**, que começou em **10 de Tishrei de 5734** (6 de outubro de 1973), também começou no Shabat e em uma data sagrada. No ano seguinte, foram realizados atos oficiais, mas então a lembrança foi integrada ao Yom Hazikaron Lejalalei Maarchot Israel, um dia geral para os caídos nas guerras.

Até mesmo o nome tinha variantes: *Milchemet Tashlad* (em referência ao ano hebraico 5734), *Miljemet October* (nome usado no mundo árabe) e a Guerra do Yom Kippur. Novamente, **a denominação escolhida definiu a perspectiva histórica**: religiosa, nacional ou internacional.

## Conclusão

Nomear e datar um evento não é um ato administrativo: é uma **declaração de significado**.

A forma como o povo judeu escolher **chamar e lembrar o dia 7** de outubro determinará como sua memória será transmitida às gerações futuras, quais valores serão preservados e quais lições serão inscritas na consciência coletiva.

A questão permanece em aberto, assim como a ferida e a esperança. Que a experiência e a sabedoria de nossa tradição sirvam como guia para inscrever este evento na história judaica com verdade, responsabilidade e dignidade.



# Vozes da Aliança: Liderança Feminina e Espiritualidade no Judaísmo

Mtra. Mónica Amkie Jaber (México D.F., México)



## SOBRE O AUTOR



Mónica Amkie Jaber é uma acadêmica e educadora mexicana, formada em Relações Internacionais, mestre em Estudos Judaicos e MBA em Educação Judaica pela Universidade Hebraica de Jerusalém. Ela é autora da coletânea *Jewish History in the International System* e de vários artigos acadêmicos sobre temas judaicos. Com mais de 20 anos de experiência docente, atualmente é diretora do ensino médio e médio da Escola Or Hachayim, na Cidade do México. Seu trabalho foca em educação abrangente e na disseminação da cultura e dos valores judaicos.

## Introdução<sup>1</sup>

Desde os tempos antigos, a mulher judia tem sido uma figura central na transmissão da Torá, na formação espiritual do lar e na perpetuação da identidade de Am Yisrael. Apesar de muitas interpretações clássicas terem sido desenvolvidas em estruturas patriarcais, fontes bíblicas, talmúdicas e contemporâneas permitem uma releitura mais profunda e justa de seu papel, destacando as mulheres como protagonistas ativas na evolução histórica, espiritual e educacional do povo judeu.

Nechama Leibowitz (1991), uma referência na exegese moderna, enfatiza que as mulheres do Tanach não devem ser vistas como figuras secundárias, mas como agentes morais e espirituais com sua própria voz. Em seu estudo sobre *Shemot* (Êxodo 1–2), ele destaca como as mulheres — Shifra, Puah, Yocheved, Miriam e Batya, filha do Faraó — desafiam o poder estabelecido de um ponto de vista ético, salvando a vida de Moshe e, com ele, o destino de uma nação inteira. Batya, em particular, é valorizada pelo Midrash como merecedora de ser chamada de “filha de Deus” por seu ato de compaixão.

Leibowitz também enfatiza a clareza espiritual de Rebeche em Bereshit (Gênesis 27) e a capacidade profética de Lea, que dá voz à gratidão em Bereshit (Gênesis 29:35), tornando-se, segundo *Berachout* (7b), a primeira pessoa a expressar gratidão a Deus. Para Leibowitz, a mulher judia incorpora valores como *Tzedek*, *Emet* e *Chesed*<sup>2</sup>, e seu estudo deve ser central em todo currículo judaico.

Este artigo analisa o papel das mulheres na tradição judaica a partir de três perspectivas complementares:

<sup>1</sup> Nota do autor: Em relação à tradição judaica, o nome de Deus foi escrito como “Deus” ao longo de todo o documento.

<sup>2</sup> [Ed.]Tzedek, Emet e Hesed - Justiça, Verdade e Misericórdia.

1. Fontes bíblicas.
2. Interpretações rabínicas clássicas.
3. Abordagens filosóficas e pedagógicas contemporâneas.

O objetivo é oferecer uma visão abrangente que revalorize seu legado e fortaleça sua presença na educação judaica atualmente.

## Figuras Femininas na Torá: Protagonistas da Aliança

As matriarcas — Sara, Rebecca, Rachel e Leah — são arquitetas da aliança. Sara age com determinação para proteger a linhagem espiritual de Isaac, como expresso: “Expulsa esta criada e seu filho, pois o filho desta serva não herdará com meu filho, com Isaac” (Bereshit, Gênesis 21:10–12). Rivkah interpreta ativamente uma profecia e guia Yaakov para a bênção: “Há duas nações em seu peito... e o maior servirá ao jovem” (Bereshit, Gênesis 25:23), o que justifica sua ação posterior para garantir o direito espiritual de nascimento. Raquel simboliza compaixão nacional, como aparece nas palavras do profeta: “Uma voz é ouvida em Ramá... Raquel chora por seus filhos” (Yirmiyahu, Jeremias 31:15–16). Leah representa uma



espiritualidade grata e consciente: “E ela concebeu novamente e teve um filho, e disse: Desta vez louvarei Deus; por isso chamou seu nome de Yehudah” (Bereshit, Gênesis 29:35).

Miriam, chamada de profetisa em *Semóto* (Êxodo 15:20) e contada entre as sete profetisas de Israel em *Meguilá* 14a, guia as mulheres com canção e fé. Débora, juíza e profetisa (Shoftim, Juízes 4–5), representa uma liderança corajosa e visionária. Ester arrisca sua vida para salvar seu povo (Ester 4:16), agindo com sabedoria e estratégia. Ruth, figura central no livro que leva seu nome, é um símbolo de lealdade, conversão sincera e amor pelo povo judeu: “Seu povo será meu povo, e seu Deus será meu Deus.” Sua inclusão na genealogia davídica faz dele um símbolo de continuidade messiânica e espiritual.

Judite, mencionada na literatura deuterocanônica como símbolo de fé e coragem, foi revivida em muitas tradições judaicas como modelo de liderança feminina. Michal, filha de Saul e esposa de Davi, representa a tensão entre o dever pessoal e as normas sociais, sendo também a protetora de Davi em momentos-chave. Batsheva, frequentemente vista de forma passiva, assume o papel central no livro de Melachim (Reis) quando garante a sucessão de Salomão, demonstrando sabedoria e agência política.

Em *Mishleh* (Provérbios) 31, cuja interpretação foi aprofundada tanto por comentaristas clássicos quanto modernos, argumenta-se que a mulher virtuosa representa a união entre a ação concreta e o medo de Deus, e que seu papel na educação não é acidental, mas essencial e elevado.

Essas mulheres são modelos de resiliência, visão e espiritualidade ativa. Estudá-los permite que as novas gerações entendam que liderança e santidade não são patrimônio exclusivo do gênero masculino, mas são chamadas

universais. Quando analisados em conjunto, revela-se um amplo espectro de expressão espiritual feminina: liderança profética, coragem moral, perspicácia diplomática e fidelidade inabalável à aliança.

## Mulheres e Halachá: Perspectivas da Mishná e do Talmude

Apesar do contexto patriarcal em que foram escritos, as fontes rabínicas oferecem uma diversidade de perspectivas sobre as mulheres. A Mishná (*Kiddushin* 1:1) estabelece regras legais para o casamento, mas outras fontes celebram a sabedoria feminina. Bruria, mencionada em *Eruvin* (53b), é renomada por sua erudição, amplitude de pensamento e firmeza ética. On ben Pelet salva o marido com astúcia espiritual (*Sanhedrin* 109b). As filhas de Tzelofchad abrem um precedente legal em *Bava Batra* 119b ao reivindicar seu direito à herança e serem validadas por Moisés e Deus.

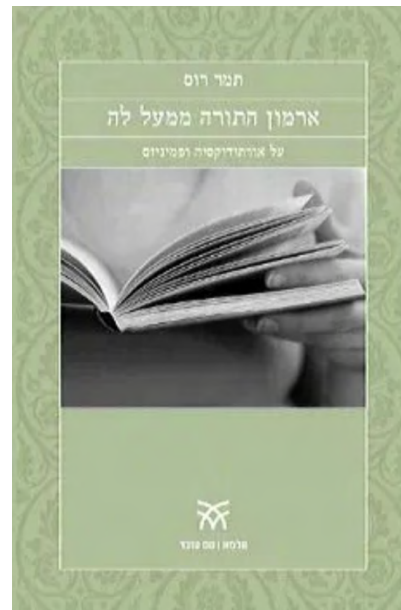
Ima Shalom, esposa do rabino Eliezer e irmã de Rabban Gamliel, figura em *Nedarim* (20a) como uma mulher sábia e influente. O Talmude também menciona mulheres como a esposa do rabino Yehuda HaNasi, conhecida por intervir sabiamente nas decisões comunitárias. A figura do *yoledet*, uma mulher que acaba de dar à luz, nos contextos de *tumá* e *tahara*, também é acompanhada por debates rabínicos que reconhecem seu estado espiritual particular. Essas narrações mostram que as mulheres, mesmo em estruturas restritivas, contribuíram para o dinamismo da Halachá e sua aplicação ética.

Em *Taanit* (23b) é narrada a história de mulheres que, graças ao seu mérito, trouxeram chuva por sua dedicação à educação dos filhos e sua modéstia. Esse reconhecimento indireto de seu valor comunitário reflete uma visão espiritual que valoriza sua influência não formal, mas decisiva.

Essas fontes convidam a uma leitura respeitosa e enriquecida da tradição, onde as mulheres são reconhecidas como interlocutoras ativas do texto e não como sujeitas passivas de regulamentos.

## Leituras contemporâneas: protagonismo, espiritualidade e educação

Tamar Ross (2000, 2004) argumenta que a evolução interpretativa da Halachá deve ser aberta às vozes femininas sem abandonar a fidelidade à tradição. “Dar voz às mulheres não é uma ameaça, mas uma oportunidade de revitalizar a autoridade rabínica a partir de uma base mais ampla e engajada” (Ross, 2000). Em sua visão, o estudo da Torá pelas mulheres não é apenas legítimo, mas essencial para manter viva a dinâmica do pensamento judaico.



**Essas mulheres são modelos de resiliência, visão e espiritualidade ativa. Estudá-los permite que as novas gerações entendam que liderança e santidade não são patrimônio exclusivo do gênero masculino, mas são chamadas universais.**

Rabino Jonathan Sacks (2002), em *One People?*, afirma: “Quando as mulheres são guardiãs do lar e da tradição, o judaísmo floresce.” Em *A Dignidade da Diferença*, ele esclarece que a diferença de papéis não implica hierarquia, mas uma colaboração que enriquece o todo. O rabino Joseph B. Soloveitchik (1992) afirma que “a mulher de fé caminha ao lado do homem em sua busca por Deus” e o rabino Samson Raphael Hirsch aponta que a mulher constrói o santuário do lar judaico, sendo a guia espiritual e moral das gerações futuras. Em seu comentário sobre *Bereshit* (Gênesis 18:6), Hirsch explica que a grandeza das mulheres não se manifesta necessariamente na esfera pública, mas na formação silenciosa e constante do caráter espiritual das gerações futuras.

A perspectiva contemporânea também reconhece que as mulheres não são apenas transmissoras de tradição, mas criadoras de novas interpretações, líderes de pensamento e educadoras de comunidades inteiras. O florescimento dos *midrashim*, a produção de comentários contemporâneos por mulheres e sua participação no batei midrash acadêmico fortalecem essa dinâmica.

### Educação Judaica com uma Abordagem Integrativa: Rumo a um Currículo com uma Visão de Totalidade

Incorporar o estudo de figuras femininas na educação judaica não é apenas uma questão de justiça histórica, mas também uma profunda estratégia pedagógica. Permite que os alunos se reconheçam dentro da tradição, e que compreendam que os valores de compromisso, fé e liderança espiritual são universais. Essa inclusão propõe uma reconfiguração do currículo, onde a análise de modelos femininos se torna um veículo para treinamento ético, emocional e comunitário.

Jean Piaget (1965) enfatiza a importância do desenvolvimento cognitivo e moral baseado

em experiências significativas. John Dewey (1916), por outro lado, enfatiza que a aprendizagem deve estar ligada a contextos reais e relevantes para o aluno. Estudar figuras como Raquel, Ester, Rute ou Débora nos permite desenvolver pensamento crítico, identidade religiosa, empatia, sensibilidade moral e reflexão ética desde cedo. A narrativa dessas mulheres oferece situações históricas complexas, onde suas decisões pessoais têm um impacto profundo no destino de Israel.

**Essas fontes convidam a uma leitura respeitosa e enriquecida da tradição, onde as mulheres são reconhecidas como interlocutoras ativas do texto e não como sujeitas passivas de regulamentos.**

De uma perspectiva construtivista, a abordagem biográfica fortalece a ligação entre conhecimento e significado. Pedagogias centradas no aluno reconhecem que a aprendizagem é mais poderosa quando é acompanhada de modelos com os quais os aprendizes podem se identificar. Nesse sentido, a vida dessas mulheres atua como catalisador para o aprendizado afetivo, promove o pensamento profundo e coloca a espiritualidade como parte da experiência formativa. Em vez de ensinar apenas o que pensar, ensina como viver com a Torá.

A educação judaica contemporânea deve formar mulheres capazes de interpretar, ensinar e transformar. Como Ross (2004) escreveu, “a educação judaica das mulheres não é uma concessão moderna, mas a continuação natural da revelação.” Essa revelação, assim como o Sinai, não foi apenas um momento histórico, mas uma experiência contínua que hoje também exige abrir o espaço do *Beit Midrash* para todas as vozes do povo.

## Conclusão

A história da mulher judia é uma história de presença, agência, sabedoria e fé. Lida das fontes e redescoberta nos textos, sua voz ressoa como uma força que molda o destino espiritual de Am Israel. Redescobrir seu papel não é apenas um requisito acadêmico, mas um ato de fidelidade à Torá viva e uma afirmação da aliança eterna. Essas mulheres não eram espectadoras, mas protagonistas da história sagrada.

A educação judaica no século XXI deve assumir a tarefa de restaurar a visibilidade e a centralidade, não como exceção, mas como essência. Nelas encontramos modelos de espiritualidade ativa, liderança comprometida, sensibilidade profética e sabedoria silenciosa. E como ensinou o rabino Sacks (2002): “Sem mulheres, não há continuidade judaica. Com elas, tudo é possível.”

## Referências

- Dewey, J. (1916). *Democracia e Educação*. Macmillan.
- Hirsch, S. R. (1991). *O Pentateuco: Volume 1, Beresheet (Gênesis)*. Editoras Feldheim.
- Leibowitz, N. (1991). *Estudos na Porção Semanal da Torá*. Maggid.
- Piaget, J. (1965). *O Julgamento Moral da Criança*. Imprensa Livre.
- Ross, T. (2000). *Ortodoxia Moderna e o Desafio do Feminismo*. Universidade Bar-Ilan.
- Ross, T. (2004). *Expandindo os Limites: Mulheres Judias no Pensamento Judaico Contemporâneo*. University Press.
- Sacks, J. (2002). *A Dignidade da Diferença: Como Evitar o Choque de Civilizações*. Continuum.
- Sacks, J. (2002). *Um só povo? Tradição, Modernidade e o Futuro Judaico*. Continuum.
- Soloveitchik, J. B. (1992). *O Homem Solitário da Fé*. Maggid Press.
- Talmud Bavli: *Berachot* 7b; *Eruvin* 53b; *Meguilá*, 14º; *Sanedrim* 109b; *Bava Batra* 119b; *Nedarim* 20a; *Taanit* 23b.
- Mishná: *Kidushin* 1:1.
- Tanakh: *Beresheet* 21, 23, 25, 27, 29; *Shemot* 1–2, 15; *Shoftim* 4–5; *Yehoshua* 2; *Yirmiyahu* 31; *Mishlé* 31; *Bamidbar* 27; *Ester* 4.
- Midrash: *Beresheet Rabá* 53:17; *Eija Rabba*, *Petijah* 24.

# O despertar religioso da juventude israelense

Dr. Israel Jamitovsky (Tel Aviv, Israel)

Algum tempo atrás, no programa *Agente da Cultura*, transmitido pelo Canal Estatal de Televisão de Israel, a poetisa e diretora de teatro israelense Sigalit Banay – uma mulher secular – apontou uma situação familiar que não transcendia. Sua filha, uma garota de 16 anos que estuda artes plásticas em uma escola secundária secular, participa das orações de Selichot todas as noites antes e durante as Grandes Festas, apesar de ter que ir à escola no dia seguinte e pela manhã.

Quando sua mãe perguntou o motivo da decisão, a filha respondeu: **“Mãe, eu pertencço à geração das almas sedentas.”** O caso dela não é o único.

Dror Yahav é um professor israelense, que atualmente está escrevendo sua tese de doutorado sobre a incorporação à fé e prática religiosa em Israel e, particularmente, no campo do Sionismo Religioso. Algumas semanas atrás, em um semanário israelense, ele divulgou números e conclusões que merecem ser abordados.

Voltando ao caso da filha de Sigalit Banay, ela observou que entrou em uma sinagoga em Tel Aviv e a encontrou “lotada de jovens de 15 a 16 anos que cantam devotamente. Na seção feminina da sinagoga, encontrei mulheres que conheço desde a infância, que rezam e cantam as orações animadas com grande fervor, sem conversar entre si e deixando seus celulares de lado.”

Yahav especifica que este não é um caso isolado. Invocando nomes fictícios, ele fornece diferentes exemplos, a saber:

- Um garoto de 14 anos que, após celebrar seu Bar-Mitzvah, começou a se fortalecer religiosamente, deixou a escola secular para ingressar em uma religiosa e agora reza três vezes ao dia.
- Gay, estudante de segundo grau na área de Ciências Exatas, começou a rezar todas as manhãs com os filactérios.



## SOBRE O AUTOR



Israel Jamitovsky nasceu em Montevideu, Uruguai, e vive em Israel desde 1973. Ele possui doutorado em Direito e Ciências Sociais pela Universidade da República e é advogado e tabelião público licenciado em Israel. Desenvolveu um intenso trabalho profissional, institucional e cultural, atualmente presidindo a Comissão de Ética da Organização Latino-Americana em Israel. É colunista do jornal israelense em espanhol *Aurora* e autor de inúmeros artigos e do ensaio *Hacia nuestras raíces*. Ele promoveu o diálogo judaico-cristão por décadas e foi fundador da Liga de Amizade Israel-Uruguai, além de dirigir a revista cultural *Diálogo* por mais de vinte anos.

Esses não são mais casos isolados, mas estamos diante de um fenômeno que mal é abordado pela imprensa israelense.

Um estudo realizado pelo Prof. Asif Efrat, da Universidade Reichmann<sup>1</sup>, localizada em Herzlia, Israel, em setembro de 2024, ratifica o que emerge na realidade. 31% dos entrevistados disseram que sua fé em Deus aumentou desde 7 de outubro de 2023, enquanto 28% aumentaram seu apego à tradição religiosa.

Talvez o mais importante sejam as idades envolvidas nesse processo. 37% pertencem ao grupo de jovens entre 18 e 35 anos cuja fé religiosa aumentou desde a guerra desencadeada pelo Hamas; Por outro lado, esse fenômeno foi registrado em apenas 18% entre pessoas com 56 anos ou mais.

Uma pesquisa promovida em maio do ano passado pelo site de notícias Mako de Israel indica que 35% dos adolescentes entre 18 e 29 anos disseram que se aproximam da tradição religiosa desde o fatídico 7 de outubro de 2023.

Nessa mesma pesquisa, surge um número eloquente: 53% dos jovens de até 29 anos em Israel observam o sábado. Não está claro se esses números incluem sionistas religiosos e ultraortodoxos, mas ainda assim é uma indicação significativa.

Todo esse processo surge principalmente nas redes sociais e no TikTok, que nem sempre são acessados pela imprensa.

## Fé e prática religiosa nos reféns libertados pelo Hamas

O que é invocado não é um processo isolado, longe disso. Hoje é amplamente conhecido o cenário aterrorizante vivido pelos reféns libertados por tortura Hamás. Lá, o assédio físico e psicológico a que foram submetidos, mal alimentados, sem atendimento médico

## Quando sua mãe perguntou o motivo da decisão, a filha respondeu: “Mãe, eu pertenço à geração das almas sedentas.”

em casos que precisavam urgentemente ser prestados, muitos deles acorrentados, submersos em túneis e em meio a uma solidão angustiante.

Nesse panorama sombrio, surgiu a observância da fé judaica e certas práticas religiosas demonstradas por alguns reféns, que, aliás, incutiam energia e encorajamento em seus espíritos e em todo o ambiente.

Aqui estão alguns exemplos.

- Sapir Coen relatou que costumava rezar capítulos dos Salmos.
- Shir Siegel apontou que seu pai, Keith Siegel, durante o cativeiro, costumava fazer orações curtas que nunca havia dito antes, como o Shema Yisrael ou a bênção após os lanches. Assim que foi liberado, sua filha perguntou quais alimentos ele preferia para o jantar de sábado, e seu pai respondeu que o principal era pronunciar a oração pertinente antes do início do jantar de sábado.
- Agam Berger disse que os terroristas lhe deram um texto de oração (Siddur) que foi muito útil para ele durante seu cativeiro. Ela acrescentou que, da melhor forma possível, ela e outros prisioneiros celebravam feriados judaicos e, na Páscoa, não comiam alimentos proibidos pela tradição judaica. Ela jejuava no Dia da Expição, assim como nos Jejuns de Ester e no dia 9 de Av, apesar de a dieta diária ser muito pobre.

<sup>1</sup> Efrat, A. (s.d.). Jovens israelenses estão fortalecendo sua fé. Universidade Reichman – LIBRES Pesquisa de Opinião Pública. Recuperado de <https://www.runi.ac.il/en/research-institutes/government/libres/research/public-opinion/young-israelis-are-strengthening-their-faith>

- Ohed Ben Ami, do Kibutz Beeri, observou que a fé no Todo-Poderoso o mantinha de pé, enquanto Omer Shem Tov começou a observar o sábado e outros preceitos da tradição judaica.

Não há dúvida de que tanto a fé quanto a prática religiosa terão um impacto positivo no longo e complexo processo de recuperação pelo qual os reféns libertados estão passando.

Um aspecto interessante a se notar é que um processo semelhante também foi registrado em paralelo entre os parentes dos reféns.

### Outro sinal do fortalecimento da religião: a esquerda crente

A grande maioria do setor sionista religioso tende a se aproximar de diferentes variantes da direita israelense. No entanto, algumas semanas atrás, um jornal israelense publicou uma revisão sobre a formação em Israel da Esquerda Crente; É assim que eles se chamam.

Seus promotores são jovens ortodoxos, possuem seu próprio centro de estudos, uma editora e até mantêm uma entidade irmã nos Estados Unidos, e organizações semelhantes estão em formação no espaço das comunidades judaicas europeias.

Historicamente, o fenômeno não é novo. Em 1922, foi fundado o Hapoel Hamizrahi, uma espécie de Social-Democracia Religiosa e promotor de empreendimentos memoráveis como o Kibutz e o Moshav Religioso, baseados unicamente nos valores da tradição religiosa.

Não sou incentivado a consentir ou discordar das posições desta corrente, mas invoco isso pelo seguinte motivo:

Em mais de uma ocasião, figuras proeminentes da esquerda israelense ou do espaço secular israelense apontaram que vinham de lares religiosos ou que tinham

formação religiosa, mas acabaram deixando de lado a tradição religiosa; em alguns casos, tornaram-se radicais e secularistas extremos.

Os promotores da Esquerda Crente são jovens ortodoxos, e fazem isso a partir e a partir de uma abordagem religiosa, o que, aliás, constitui mais uma evidência da fortificação do espaço religioso em Israel.

**Não há dúvida de que tanto a fé quanto a prática religiosa terão um impacto positivo no longo e complexo processo de recuperação pelo qual os reféns libertados estão passando.**

### Prevenindo a Propagação de Normas Religiosas

Recentemente surgiu que um legislador do maior partido do atual governo de Israel (não dos partidos religiosos) estava propondo aumentar e expandir as regulamentações religiosas.

Grande erro. Na época, o falecido rabino Yehuda Amital (abençoada memória), um dos mais destacados líderes espirituais do sionismo religioso do nosso tempo, se opunha categoricamente a toda legislação religiosa, a menos que tivesse um apoio muito amplo. Com razão, ele considerava aquilo um verdadeiro bumerangue.

O rabino ortodoxo moderno Dr. Shaul Farber, presidente da Fundação litim, expressou-se no mesmo espírito em declarações recentes ao semanário religioso israelense Makor Rishon (Primeira Fonte). Ele sabiamente afirmou que esse tipo de legislação só pode prejudicar o despertar e o aprofundamento da identidade judaica que atualmente reina em Israel. Esse processo flui sem qualquer coerção e responde ao desejo dos envolvidos

de aprofundar seu judaísmo. A Fundação Itim auxilia cidadãos israelenses em seu relacionamento com diferentes entidades estatais no espaço religioso em Israel.

## Perfil desse fenômeno

O processo da **Chazara Bitschuva** (retorno ao judaísmo) começou a ser projetado em Israel após a Guerra do Yom Kippur e abrangeu até figuras de destaque no ambiente artístico israelense, a maioria das quais optou pela variante ultraortodoxa. A consequência foi que os historiadores perceberam, nesse processo, uma espécie de fracasso do sionismo religioso.

Pessoalmente, acredito que o panorama é mais complexo. Muitos tradicionalistas entraram no espaço sionista religioso por causa da educação sionista religiosa que receberam e/ou da organização juvenil *Bnei Akiva*, sem que esse passo despertasse muito barulho, atenção ou divisões familiares, como às vezes aconteceu com aqueles que se juntaram ao coletivo ultraortodoxo. Sei que na Diáspora o caso ao qual aludo é frequente.

O processo atual não se assemelha ao clássico retorno ou incorporação ao espaço religioso. São os jovens que assistem às orações de Selichot, mas também aos concertos de música moderna. Que veste o manto ritual do Tzitzit, mas também há aqueles que não usam o chapéu.

Eles buscam encontrar respostas para sua sociedade espiritual, embora não cumpram estritamente as regras religiosas. Mas, sem dúvida, todo esse processo fortalece a identidade judaica deles.

Acessar esse conglomerado não é uma tarefa fácil nem simples. É necessário, acima de tudo, ouvir e tentar contemplar suas preocupações, derramar as coordenadas da tradição religiosa utilizando a semântica apropriada e tentando encontrar respostas para seus dilemas existenciais.

Há vozes que apontam a necessidade de erguer sinagogas ou espaços especiais onde possam acessar a tradição judaica no seu próprio ritmo, sem exigir, muito menos que modifiquem imediatamente sua concepção de mundo e modo de vida. E, especialmente, liderar pelo exemplo.

Acredito que os setores moderado e liberal do sionismo religioso certamente podem desempenhar um papel transcendente nesse processo valioso.

Um último pensamento. Resta saber se isso é um fenômeno circunstancial resultado da situação que Israel vem vivenciando desde 7 de outubro de 2023 ou se é um processo que já se enraizou e continuará a aumentar.

## Referências

Aurora. (3 de março de 2025). *Fé e prática religiosa em reféns libertados pelo Hamas*.

Efrat, A. (s.d.). *Jovens israelenses estão fortalecendo sua fé*. Universidade Reichman, LIBRES Pesquisa de Opinião Pública. <https://www.runi.ac.il/en/research-institutes/government/libres/research/public-opinion/young-israelis-are-strengthening-their-faith>

Haaretz. (28 de novembro de 2025). *Agora é nossa vez de colonizar corações*.

Makor Rishón. (5 de dezembro de 2025). *O presidente da Fundação Itim alerta: a onda legislativa no espaço do Estado e da Religião prejudica o despertar judaico*.

Makor Rishón. (6 de outubro de 2025). *O sionismo religioso recebe uma segunda chance para liderar a onda da teshuvá*.

# Um professor ou vários professores?

Uriel Romano (Flórida, EUA)

O estudo da Torá nem sempre foi um mandamento religioso. Abraão, Yosef, o rei Davi, o profeta Isaías, ou nenhuma outra figura bíblica estudou “Torá”. No Tanach (Bíblia Hebraica) não há rabinos nem alunos, nem professores ou alunos. Também não existem Yeshivot (academias de estudos rabínicos). Todos os relatos no Talmude e Midrash das academias de estudo de Sem e de Sempre, onde os patriarcas estudaram, de Moisés sendo Moshe Rabbeinu (Moisés, nosso mestre) aprendendo as leis da Torá com Deus e depois ensinando Yehoshua e o povo, ou do rei Davi estudando ao amanhecer, são todas criações literárias da era rabínica para ajustar sua realidade à realidade de seus ancestrais. Se os rabinos do primeiro século estudaram a Torá no Beit Midrash (casa de estudo), como nossos patriarcas não estudaram a Torá?

Estudiosos estimam que o início do estudo da Torá ocorreu com o retorno dos exilados babilônicos no final do século VI a.C. e especialmente no século V a.C., sob a liderança de Esdras, o escriba. Lá, começaram a estudar e interpretar sistematicamente a Torá diante do povo. Na época do Segundo Templo, já temos vastas referências de judeus ocupando seu dia (ou até parte deles) no estudo e na busca pela palavra de Deus. Um exemplo clássico “arqueológico” são os mais de 900 rolos encontrados nas cavernas de Qumran, no deserto da Judeia, pertencentes a uma seita judaica que vivia ali desde o século II a.C.; Se alguém escreveu e copiou tantos livros, é porque alguém teve que estudá-lo.

Já na época dos tanaim e muito mais dos amoraim, o estudo da Torá havia se tornado um dos símbolos distintivos do judeu. O Judaísmo Rabínico até fez do estudo da Torá um mandamento religioso e podemos até dizer: O mandamento por excelência.

**O Judaísmo Rabínico até fez do estudo da Torá um mandamento religioso e podemos até dizer: o mandamento por excelência.**



**SOBRE O AUTOR**



Uriel Romano é rabino, formado pelo Seminário Rabínico Latino-Americano e possui mestrado em Estudos Judaicos com especialização em Talmud e Midrash. Ele também possui diploma em Ciência Política pela Universidade de Buenos Aires. Atualmente, ele reside em Plantation, Flórida (EUA), onde atua como rabino sênior no Temple Kol Ami Emanu-El. Ele atuou em comunidades na Argentina, Estados Unidos e Uruguai, e é autor de *As Mulheres do Talmude*. Ele é o apresentador do podcast Pi Elef, dedicado ao estudo e disseminação do pensamento judaico em espanhol. Contato: [urielromano@gmail.com](mailto:urielromano@gmail.com) / [@urielromano](https://www.instagram.com/urielromano)

Certamente, com o passar das gerações, muitas questões sobre educação e a melhor forma de aprender começaram a surgir dentro das academias de estudo<sup>1</sup>. Entre as muitas questões “pedagógicas” que surgiram há cerca de 1800 anos, foi colocada: é melhor estudar com um único professor ou com vários? Reformulamos a questão para que seja melhor compreendida: é preferível sempre aprender com um único mestre ou é melhor buscar conhecimento em vários sábios? Se não me engano, a resposta instintiva de muitos de nós – crianças dos

séculos XX e XXI – seria: muitos. No entanto, como veremos, na tradição rabínica clássica ambas as possibilidades são apresentadas, com suas vantagens e desvantagens.

Gostaria de apresentar abaixo as principais fontes relacionadas a essa discussão na literatura rabínica clássica e, em seguida, questionar qual deveria ser a prática ideal em nossos dias.

### (1) Estudar com um Único Mestre: Avot do Rabino Natan (EdiçãoA) 8

עשה לך רב. כיצד? מלמד שיעשה לו את רבו קבע וילמד ממנו מקרא ומשנה מדרש הלכות ואגדות [...] היה רבי מאיר אומר הלומד תורה מרב אחד למה הוא דומה לאחד שהיה לו שדה אחת וזרע מקצתה חטים ומקצתה שעורים [ונוטע] מקצתה זיתים ומקצתה אילנות ונמצא האדם ההוא מלא טובה וברכה. ובזמן שלומד מב' ג' דומה למי שיש לו שדות הרבה אחד זרע חטין ואחד זרע שעורים ונטע אחד זיתים ואחד אילנות ונמצא אדם ההוא מפוזר בין הארצות בלא טוב וברכה

Tornar-se professor para você mesmo, de que forma? Isso nos ensina que é preciso um rabino permanente para aprender com ele a Bíblia, a Mishná, o Midrash, a Halachot e a Agadot.... O rabino Meir costumava dizer: Como é ele que aprende Torá com um único rabino? Para aquele que possui um único campo e semeia ali um pouco de trigo, um pouco de cevada, algumas oliveiras e algumas árvores. E essa pessoa então fica cheia de bondade e bênção. Quando se aprende com dois ou três mestres, é como quem tem muitos campos e em um deles planta trigo, em outro cevada, em outro oliveiras e em outro árvore. E essa pessoa então se espalha pelas terras sem o bem e sem bênção.<sup>2</sup>

De acordo com essa concepção, deve-se buscar um rabino que possua todo o conhecimento mencionado, conhecimento da Bíblia<sup>3</sup>, Mishna<sup>4</sup>, Midrash<sup>5</sup>, Halachot<sup>6</sup> e Agadot<sup>7</sup>. Ou seja: conhecimento enciclopédico. Cada um desses conhecimentos judaicos é um tipo diferente de plantação, e segundo o rabino Meir<sup>8</sup> é bom que todo esse estudo seja encontrado

e, de alguma forma, “entrelaçado” em um único lugar, em um único campo. O estudo, nos diz o rabino Meir, deve ser transversal e não devemos compartimentalizar nosso conhecimento. Em geral, nossa educação acadêmica (da segunda metade do ensino fundamental) é compartimentada e dispersa. Temos algum conhecimento de diferentes conhecimentos e ciências, mas muitas vezes

<sup>1</sup> Talvez o Sugya mais famoso nesse sentido seja encontrado em TB Baba Batra 21a, onde é discutido, entre outras coisas, em que idade as crianças devem ingressar no ensino geral, quantos alunos podem ter no máximo em uma sala de aula e se é preferível um professor que ensine muito conteúdo, mas não seja meticuloso em seu ensino, ou um que ensina menos, mas que é meticuloso.

<sup>2</sup> Um paralelo a essa fonte com certas variantes é encontrado em: Avot do Rabino Natan (Edição B) 18

<sup>3</sup> Os 24 livros que compõem a Bíblia Hebraica.

<sup>4</sup> Os 63 tratados da Mishná.

<sup>5</sup> As ferramentas hermenêuticas e exegéticas para derivar a lei a partir dos versículos bíblicos.

<sup>6</sup> Leis específicas e específicas.

<sup>7</sup> Material homilético.

<sup>8</sup> O rabino Meir foi um dos mais importantes estudiosos da época da Mishná. Era um Tanah da terceira geração, do meio do século II d.C.

não conseguimos unir nossos diferentes conhecimentos. E é por isso que o rabino Meir não quer que nossos “campos estejam espalhados por diferentes terras.” O estudo da Bíblia deve estar conectado à exegese midráshica, da qual o halachá é derivado, resultando na Mishná, que deve ser complementada com o estudo do Agadot. Algo assim, eu acho, é o que o rabino Meir quer nos dizer. O Rabino Meir leva o princípio do Pirkei Avot<sup>9</sup> “*Aseh Lecha Rav*” (Faça de Si Um Mestre) muito literalmente: “Faça de si mesmo um ÚNICO Mestre.” Em Pirkei Avot, não nos dizem para tentar ter muitos mestres, mas sim para encontrar um

## A Torá é comparada à água e deve ser regada de várias fontes, cada uma fornecendo um mineral e sabor únicos. Pelo menos é assim que eles entendem isso na academia do Rabino Ianai.

professor, e segundo o Rabino Meir, cada um deve procurar um mestre que o inspire, o guie e o ensine. Pelo menos é assim que o rabino Meir entende.

**(2) Estudo de múltiplos professores:**  
Talmude Babilônico, Avodah Zarah 19a

והיה כעץ שתול על פלגי מים אמרי דבי ר' ינאי: כעץ שתול ולא כעץ נטוע, כל הלומד תורה  
מרב אחד אינו רואה סימן ברכה לעולם

“Ele será como uma árvore [transplantada] por ribeiros de água” (Salmo 1:3). Na escola do Rabino Yanai, disseram: como uma árvore transplantada e não como uma árvore plantada [isso nos ensina] que todo mundo que estuda a Torá com um único professor nunca verá um sinal de bênção.

O Rabino Yanai<sup>10</sup> nos traz uma concepção diametralmente oposta à apresentada anteriormente pelo Rabino Meir. Ela nos ensina que estudar com um único professor nunca nos trará “bênçãos”, ou seja, que a bênção e o sucesso nos estudos são alcançados quando aprendemos com vários professores. Esse ensinamento é retirado pelo Rabino Yanai—ou por seus seguidores da Yeshiva que fundou perto de Tzfat, no norte de Israel—a partir de uma palavra do livro dos Salmos (שתול —*shatul*). Lá nos dizem que o justo é como aquela árvore que está שתול junto a riachos de água. Geralmente traduzimos a palavra שתול como plantada, porém, na

escola do rabino Yanai, eles entendiam que שתול significa transplantado e não plantado (נטוע —*natúa*). Essa deveria ser como uma árvore transplantada que bebe água de lados diferentes. Da mesma forma, “um aluno deve ser como uma árvore transplantada, ele deve ir e aprender com cada pessoa e não deve ser como uma árvore plantada que só bebe de um único professor”<sup>11</sup>. A Torá é comparada à água e deve ser regada de várias fontes, cada uma fornecendo um mineral e sabor únicos. Pelo menos é assim que eles entendem isso na academia do Rabino Ianai.

<sup>9</sup> 1:6 (veja também 1:16)

<sup>10</sup> Amora da primeira geração na terra de Israel (início do século III d.C.),

<sup>11</sup> Rashi. Ad. Loc.

### (3) A solução (?): Talmude Babilônico, Avodah Zarah 19a (continua).

אמר להו לרבנן: בעינא דאימא לכו מלתא, ומסתפינא דשבקיתו לי ואזליתו: כל הלומד תורה מרב אחד אינו רואה סימן ברכה לעולם, שבקוהו ואזול קמיה דרבא. אמר להו: הני מילי סברא, אבל גמרא מרב אחד עדיף, כי היכי דלא ליפלוג לישני

O Rabino Chisda disse a seus alunos: “Preto dizer algo a vocês, mas temo que me abandonem e vão para outro lugar: *todo mundo que estuda a Torá com um único professor nunca verá um sinal de bênção.*” Os alunos dele o deixaram e foram para a casa do Raba. Ele lhes disse: “Essas palavras se referem apenas a estudos derivados da lógica, mas, em relação às tradições orais, é preferível estudá-las com um único professor para que não se confundam com variações na linguagem.”

Como muitos de vocês sabem, o Talmude não gosta de deixar esse tipo de contradição “aparente” sem resolução; assim, no mesmo fólio talmúdico, algumas gerações de sábios depois tentam encontrar uma solução para essas duas posições, a apresentada pelo Rabino Meire e a apresentada pelo Rabino Yanai. Para resolver essa aparente contradição, o Talmude nos traz uma história de Rav Hisda na qual ele cita o ensino da escola do Rabino Yanai e seus alunos, em busca de bênção e sucesso em seus estudos, o abandonam em busca de outras águas para beber. Para onde eles vão? Para a casa de estudos Rabah<sup>13</sup>. E antes de continuar, um fato que não devemos esquecer: Rabbah foi discípulo de Rav Jisda. Ou seja, eles abandonaram o professor por causa do aluno. Com esse fato em mente, podemos tentar entender um pouco mais a resposta de Raba: por um lado, ele não pode contradizer as palavras de seu mestre, mas por outro lado ele quer que esses alunos retornem para estudar com Rav Jisda. O que ele faz então? Uma disquisição, uma resposta muito rabínica. Ele diz que o princípio que Rav Jisda apresenta é verdadeiro, mas só é válido em relação ao estudo por dedução lógica (סברא). É sempre bom ouvir vozes diferentes, quando se trata de lógica; e quando se tenta derivar algum princípio ou ensinamento, quando não há versículo bíblico do qual derivar halachá. No entanto, Raba nos diz que, quando se trata do estudo das tradições orais recebidas

(גמרא), é sempre melhor estudar com um único professor porque talvez dois professores queiram transmitir a mesma noção para nós, mas ao usar termos diferentes acabam nos confundindo. Esta é a solução solomônico-talmúdica: em relação ao estudo de tradições orais definidas, é sempre melhor estudar com um único professor; quanto ao estudo por lógica e dedução, é sempre bom estudar com vários professores.

#### Fontes complementares

Abaixo estão outras duas fontes talmúdicas onde ambas as posições são apresentadas, a de estudar com vários mestres versus a de estudar com um único professor. Como veremos, na prática ambas as teorias foram aplicadas; Mas, ao mesmo tempo, o estudo de múltiplos professores era a atitude mais criticada naquela época.

#### a. O Norte e o Sul

O Talmude<sup>14</sup> registra a diferença no método de estudo entre as academias de Judá (Judeia) e as academias do Galil (Galileia). Essa fonte claramente quer apontar a superioridade das escolas no sul de Israel em relação às do norte. Entre as razões pelas quais as escolas de Judá eram consideradas superiores estavam:

<sup>12</sup> Amorá de Babilonia de la segunda y tercera generación, fines del siglo III d.e.c.

<sup>13</sup> Amorá de Babilonia de la cuarta generación, principios del siglo IV d.e.c

<sup>14</sup> TB Eruvin 53b

**בני יהודה גמרו מחד רבה נתקיימה תורתן בידם, בני גליל דלא גמרי מחד רבה לא נתקיימה תורתן בידם.**

*Os habitantes de Judá estudavam sob um único mestre, e por essa razão a Torá permaneceu sob suas mãos. Os habitantes do Galil que não estudavam com nenhum professor não tinham a Torá em suas mãos.*

Rav Yehuda Bar Yechezkel<sup>15</sup> é quem transmite em nome de Rav esse ensinamento sobre as diferenças entre Galileia e Judeia. E aqui temos um dos poucos exemplos concretos de ambas as filosofias educacionais ilustrados acima. Em Yehudah, seguiu-se o modelo enunciado pelo Rabino Meir no Avot do Rabino Natan, eles sempre estudavam sob um único professor e, por essa razão, “a Torá permanecia em suas mãos” (ou seja, “preservavam seu aprendizado”). No entanto, no norte de Israel — o Galilo<sup>16</sup>,— eles estudavam de acordo com a teoria refletida no Talmude na boca do Rabino Yanai: não se deve estudar com um único mestre. Essa fonte, como você pode ver, está do lado da posição do Rabino Meir.

Um bom aprendizado é o resultado de sempre estudar com um único professor.

Rashi (ad. loc.) nos conta que os alunos da Galileia não mantiveram seu aprendizado porque ouviam de diferentes sábios a mesma noção e ensinamento, mas em língua diferente, e isso os confundia e os fazia<sup>17</sup>. esquecer. A maioria dos comentaristas clássicos<sup>18</sup> lê esta seção de Eruvin em referência ao Sugya de Avodah Zarah.

### **b. Rav Yosef bar Chia**

Em outro Sugya talmúdico<sup>19</sup> sobre a kashrut ou não de determinada tarefa, Yosef bar Chia é criticado por estudar vários rabinos:

**כי סליק רבי זירא אכל מוגרמת דרב ושמואל, אמרי ליה: לאו מאתריה דרב ושמואל? את? אמר להו: מאן אמרה? יוסף בר חייא, יוסף בר חייא מכולי עלמא גמיר. שמע רב יוסף איקפד, אמר: אנא מכולי עלמא גמירנא? אנא מרב יהודה גמירנא**

“Quando Rabi Zeira ascendeu (à Terra de Israel), comeu carne preparada segundo os ensinamentos de Rav e Shmuel.

Disseram-lhe: “Não és da região de Rav e Shmuel?”

Ele respondeu: “Quem disse isso?”

“Yosef bar Chiya.”

Responderam: “Yosef bar Chiya aprende com todos.”

Ao ouvir isso, Rabi Yosef ficou irado e disse:

“Aprendo com todos? Aprendi com Rav Yehuda!”

Yosef bar Chia é criticado por “estudar de todo o mundo”; ele se defende dizendo que aprendeu e transmitiu as tradições de Rav Yehuda. Aparentemente, os comentaristas clássicos indicam que essa crítica de “estudar de todos” se deve “ao fato de que ele pode ter ouvido esse ensinamento de outra pessoa

que não foi meticulosa com suas palavras como eram realmente ditas” (Rashi, ad. loc.)<sup>20</sup>. Esta é outra referência talmúdica onde a realidade nos mostra um sábio estudando múltiplos mestres e essa atitude é criticada.

<sup>15</sup> Amorá da Babilônia da segunda geração. Ele foi o fundador da Yeshiva de Pumbedita.

<sup>16</sup> Dois fatos que merecem ser mencionados a esse respeito: (1) O Rabino Yanai fundou uma academia rabínica na cidade de Akbara, perto de Tzfat, na Alta Galileia. (2) Rav foi aluno do Rabino Yanai, mas aparentemente não seguiu sua teoria educacional nesse sentido.

<sup>17</sup> Podemos supor que este comentário de Rashi foi inspirado pelas passagens adjacentes a esse ensinamento do Rabino Yehuda ou pela passagem talmúdica que estudamos anteriormente em AZ 19b.

<sup>18</sup> Tosafot e o Meiri, por exemplo.

<sup>19</sup> TB Julín 18b

## Conclusões

Embora possa parecer contraintuitivo, a maioria das fontes rabínicas clássicas sustenta que o melhor estudo vem de um único professor. No entanto, a maioria das fontes concorda que isso só é verdade em relação ao estudo das próprias fontes; para não gerar confusão ao ouvir a mesma tradição de duas maneiras ligeiramente diferentes. A palavra-chave para entender nosso Sugya é גמרא — **Gemara**. Hoje em dia, Guemará geralmente é entendida como sinônimo de Talmude; no entanto, na época em que o Talmude não existia, o termo Guemará necessariamente tinha outro significado. No nosso caso, Guemará significa “tradição oral”. Até a época dos Geonim, o estudo da Torá Oral era realmente “oral”<sup>22</sup>. E para garantir a transmissão correta dessa mensagem milenar, era necessário que cada aluno fizesse um professor de quem estudar toda a Gemara; ou seja, todas as tradições orais. O próprio Talmude relata em inúmeras ocasiões como uma “tradição oral” se perdeu na cadeia de transmissão ou foi transmitida de duas formas diferentes, com variações pequenas ou grandes; ou mesmo a própria tradição foi passada sem saber exatamente quem era o sábio que a ensinou em primeiro lugar. Rishonim e estudiosos de hoje, por meio do estudo dos vários manuscritos de textos talmúdicos, mostram como milhares de passagens do Talmude não são inequívocas, mas que em vários manuscritos há pequenas ou importantes variações. Para evitar todas essas confusões, o Talmude então sugere que se deveria estudar todo o “ensino oral” de um único mestre.

O professor era o texto quando o texto não existia (ou era escasso e de uso muito esporádico). Agora, há centenas de anos,

e especialmente após a imprensa e as massivas e padronizadas publicações do Talmude, essa sugestão rabínica de estudar por um único professor já não é mais válida. O texto está bem diante dos nossos olhos. Não precisamos mais de “um único professor” para nos transmitir palavra por palavra a tradição oral com cuidado e precisão. Em nossos dias, precisamos mais do que nunca que cada um de nós estude a Torá com

**Em nossos dias, precisamos mais do que nunca que cada um de nós estude a Torá com vários professores.**

vários professores. Em nossos dias, estudar a Torá com um único professor ou instituição não nos impede de nos confundir, mas nos impede de entender a Torá em toda a sua amplitude. A Torá, nos diz o Talmud, foi revelada em 70 línguas e possui 70 formas de ser compreendida e interpretada. Cada professor pode nos dar uma dessas facetas da Torá; o estudo de muitos professores nos permite ter uma percepção mais completa e multidimensional da Torá.

E é por isso que, em contraste com aquela tradição que ensinava que se deve estudar com um único professor, outra tradição é erguida dentro do pensamento rabínico que indica exatamente o oposto. No Talmude, nos dizem: “Aprendi muito com meus mestres.”<sup>23</sup>. O Talmude não diz “aprendi muito com meu mestre”, mas sim “com meus mestres.” A sabedoria vem da pluralidade de professores. Essa ideia é muito mais enfatizada na Mishná quando Ben Zoma pergunta: “Quem é sábio?” E ele mesmo responde: “Que aprende com todos os seres humanos.”<sup>24</sup>. A sabedoria não vem apenas dos “professores”, mas da compreensão de que cada pessoa pode se

<sup>20</sup> Tosafot diz que Rav Yosef bar Chia não ouviu esse ensinamento nem de Rav nem de Shmuel.

<sup>21</sup> Veja, Sokoloff, Um Dicionário de Aramaico Babilônico Judaico, p. 292.

<sup>22</sup> Para entender melhor o desenvolvimento da tradição oral para a tradição escrita, leia o artigo do Prof. Rav Shamma Friedman “The Talmud Today”: [http://www.atranet.co.il/sf/talmud\\_today.pdf](http://www.atranet.co.il/sf/talmud_today.pdf)

<sup>23</sup> TB Taanit 17b

tornar nosso professor, nem que seja para nos ensinar uma pequena ideia. Sabedoria está em aprender com todos. E é isso que os Salmos nos dizem sobre ele: “De todos os meus mestres aprendi” (119:99), ao que Rashi comenta: “*Com isso aprendi um pouco e com isso aprendi um pouco.*”<sup>25</sup>

Gostaria de concluir com um detalhe desse último Rashi que acabamos de citar. Nas edições impressas de Rashi, a seguinte frase é adicionada ao final deste comentário: מובהק מרבי שלמדתי לאחר .. depois de ter estudado com meu “rabino chefe”. Nas edições impressas da tradição rabínica, quando encontramos uma certa palavra ou frase entre parênteses, é uma indicação ao leitor para avisá-lo de que essa palavra ou frase não deve ser lida; que é uma adição posterior e não faz parte do texto original. Ou seja, algum aluno de Rashi ou algum copista tardio (levando em conta a tradição talmúdica de que se deve estudar “com um único mestre”) não conseguiu conciliar essa ideia com esse comentário de Rashi; e então ele diz que só se pode aprender com diferentes mestres após ter estudado com seu principal Rav.<sup>26</sup>

**Devemos estudar com múltiplos professores, aprendendo com cada um deles sua maneira única e particular de entender as palavras da Torá.**

Acredito que esse pequeno detalhe desse Rashi em particular pode nos ajudar a trazer a Halacha LeMaasse (ação concreta) para o

nosso dia. Devemos estudar com múltiplos professores, aprendendo com cada um deles sua maneira única e particular de entender as palavras da Torá. Devemos estudar em algum momento em uma Yeshiva ao estilo lituano para entender a arte do *Pilpul* e levar o texto às suas consequências últimas. Devemos estudar a Torá com professores e rabinos do “feminismo judaico” para revelar a voz feminina da Torá. Devemos estudar a Torá em algum centro místico de Tzfat para descobrir o poder do Sod. Devemos estudar a Torá em algum centro universitário para apreciar as novas perspectivas que a ciência moderna traz para compreender mais profundamente nossos textos millennials. Precisamos estudar a Torá com algum rebbe para nos apaixonar novamente pela Torá por aquelas engenhosas pérolas da exegese hassídica. Devemos estudar a Torá em algum Seminário Rabínico liberal para entender como a tensão entre tradição e modernidade é vivida no estudo dos textos sagrados. Precisamos estudar... Muito. É para isso que temos a vida toda. No entanto, como sugere o Rashi entre parênteses, *devemos estudar um pouco disso e um pouco daquilo*, mas somente depois de formos “formados”. Depois de conhecer os textos, conhecer a *Guemará*, podemos passar a estudar a *Sabá* (interpretação, raciocínio) de múltiplos mestres. Sem conhecer os textos em profundidade, a única coisa que nos restará será a *Sabá* deste ou daquele mestre, sem nunca podermos dominar a *Guemará* sozinhos.

<sup>24</sup> Pirkei Avot 4:1

<sup>25</sup> Radak, comentando sobre o mesmo versículo, diz: “De tudo que aprendi e tirei lições de moral.”

<sup>26</sup> O termo hebraico é “Rav Mubhak”, que se refere ao rabino de quem ele “aprendeu a maior parte de seu conhecimento.” Veja as palavras de Ula em YB Baba Metzia 33a e ali Rashi. Para a codificação haláchica desse conceito, veja Mishneh Torá, Talmud Torá 5:9.

# Um gesto antológico sobre NOAJ

Ari Dajczman (Jerusalem, Israel)

## SOBRE O AUTOR



Ari Dajczman é doutorando em literatura na Universidade Hebraica de Jerusalém, especializado no trabalho de Macedonio Fernández e pesquisador de literatura judaica latino-americana contemporânea. Vice-Diretor do Mestrado Internacional em Educação Judaica no Melton Centre e Professor no IB Boyar International. Diretor da revista *Figuraciones* e autor de *Efusiones* (Letrame, 2020); Ele colabora em projetos acadêmicos e comunitários.

Agradecimentos especiais a Leo Senkman por nos permitir publicar os textos da NOAJ em *Milta*. Lechaim por isso, e desejamos que seja o começo de projetos mais bem-sucedidos juntos.

Em *Tradução, Reescrita e a Manipulação da Fama Literária*, Lefevere (1992) examina a reescrita como o mecanismo central que determina a circulação, recepção e permanência da literatura. O autor afirma que a reescrita, em todas as suas formas, ocupa uma posição dominante na evolução literária (2). Essa posição privilegiada é explicada pelo fato de que o leitor comum acessa textos por meio de mediações anteriores: em vez dos escritos dos escritores, ele acessa a literatura por meio de reescritas feitas por reescritores (4).

Lefevere oferece vários exemplos que mostram o alcance dessas intervenções. Durante o nazismo, compiladores de antologias suprimiram a autoria judaica de Heine e apresentaram “Loreley” como um poema “anônimo” (5). Yeats, ao trabalhar com Blake, “literalmente inventou uma ancestralidade” para integrá-lo a uma genealogia celta de acordo com seu programa estético (7). Gutzkow, em *Dantons Tod*, justificou suas modificações porque “o que Büchner havia colocado no papel [...] não pode ser impressa hoje” (14). Todos esses casos ilustram a tese geral de Lefevere: “as reescritas ocorrem a serviço ou sob as restrições de correntes ideológicas ou poéticas” (7).

Genette (1989), por outro lado, coloca a questão dentro do quadro da hipertextualidade, que ele define como “qualquer relação que una um texto B [...] a um texto anterior a A [...] no qual é enxertado de uma forma que não é a do comentário” (14). Essa relação é organizada por meio de operações que abrangem tanto a transformação direta, como na passagem da *Odisseia até Ulisses*, quanto a imitação, que prolonga ou recria um modelo anterior (14). Ao descrever essas práticas, Genette oferece uma arquitetura conceitual precisa para pensar na reescrita como um sistema de derivações textuais reguladas.

Segundo este autor, a hipertextualidade sempre implica uma derivação estrutural: um texto B existe a partir de um texto A por meio de uma operação concreta (13-14); Essa relação exclui o comentário, porque o glossário e a explicação pertencem à metatextualidade (14); e as operações que

conectam A e B têm formas classificáveis, sejam transformações diretas ou imitações (14-15). Com isso definido, surge a questão sobre o lugar da edição e da antologia dentro do sistema. Para Genette, essas práticas não geram um hipertexto no sentido completo: elas corrigem, fixam ou selecionam, mas não produzem um novo texto que seja “enxertado” em outro por transformação ou imitação (13-18).

A literatura está cheia de reescritas. Alguns autores até acusam que todos os livros são, na verdade, um só. Um caso singular de reescrita levada ao paroxismo é o de Pierre Menard (Borges 2023). Na história, o personagem borgesiano se propõe a reescrever *Dom Quixote* sem usar memória ou cópia. Menard, em vez de reescrevê-lo, queria reescrever Dom Quixote, assim como Cervantes havia feito alguns séculos antes. O caso é emblemático e mostra uma das muitas possibilidades de reescrita.

Dentro desse arcabouço teórico, antologia e edição aparecem como formas específicas de reescrita, embora com um raio de ação mais limitado. Para Lefevrerere, a antologia reescreve por meio da seleção, construindo “uma imagem tendenciosa” que pode influenciar por gerações (8). A edição reescreve corrigindo um texto, como estudiosos do Renascimento que buscavam “publicar uma edição mais ou menos confiável” a partir de manuscritos dispersos (2). Ambas as práticas moldam decisivamente o que é lido e como é interpretado, embora o façam em margens mais limitadas do que outras modalidades de reescrita, como tradução, crítica ou manipulação ideológica explícita. Seguindo a visão de Genette (1989), já que a edição intervém no nível material e documental do texto, e como a antologia atua por seleção e recontextualização, ambas as práticas reorganizariam a circulação e alterariam a recepção, mas não cumpririam a condição decisiva que exige: a criação de um

texto derivado que opere como hipertexto. Até agora, um breviário teórico sobre reescrita, cuja intenção é servir como prólogo ou base teórica para o que virá a seguir.

Desta edição, Milta irá reproduzir textos que vieram à tona na revista lembrada NOAJ (1987-2011). Voz de uma época, NOAJ<sup>1</sup> foi o espaço de diálogo entre intelectuais, escritores e leitores por mais de uma década. Usando a imagem evocada pelo nome, não seria injusto classificá-la como um refúgio nas tempestades e perigos da distância: uma arca com sementes de arte e conhecimento; aquela encarregada de carregar consigo o que deve ser feito e realizado.

## A literatura está cheia de reescritas. Alguns autores até acusam que todos os livros são, na verdade, um só.

A revista NOAJ, a expressão escrita da Associação Internacional de Escritores Judaicos em Língua Espanhola e Portuguesa, tinha, desde 1987, um total de dezenove volumes; a última delas foi uma edição especial, em 2011. Ele tratou de temas como a língua dos escritores judeus, o exílio e a literatura judaica, Israel no imaginário dos escritores ibero-latino-americanos, memória e escrita judaica, terras de expulsão e terras de promessa, intelectuais e paz.

Sob a direção de Leonardo Senkman e vice-diretoria de Florinda Goldberg, a NOAJ tinha conselhos editoriais internacionais compostos por pessoas renomadas como Manuela Fingueret, Santiago Kovadloff, Eliahu Toker, Moacyr Scliar, Saúl Sosnowski, Arnoldo Liberman, Mario Goloboff, Joseph Hodara, Esther Seligson, Teresa Porzecanski, Isaac Chocrón, María Gabriela Mizraje, Berta Waldman, Mario Satz, Luisa Futoransky, Angelina Muñiz-Huberman, entre outros, e

<sup>1</sup> En un comienzo “Noah”.

contou com o apoio do Fundo Familiar Goler. As publicações assumiam a forma de dossiês, ensaios, narrativas literárias, poesia, depoimentos, crônicas, resenhas, tributos, discussões, investigações, anúncios de prêmios, apostilas. Publicou escritos dos mencionados e de personalidades como Margo Glanz, Marcos Aguinis, Emond Jabés, Bernardo Kordon, Abraham B. Yeoshua, Edna Aizenberg, Myrna Solotorevsky, Ricardo Feierstein, Gustavo Perednik e muitos outros e outros.

Numa época em que a internet ainda era um experimento, a *NOAJ*, com sede em Jerusalém, cruzou mares e oceanos, alcançando a América Latina, Estados Unidos e Europa. Na Milta estamos convencidos de que várias cópias ainda estão preservadas em prateleiras residenciais, em prateleiras de bibliotecas, como na Universidade Hebraica de Jerusalém e na Biblioteca Nacional de Israel, e também em outras partes do mundo, o que explica sua ampla disseminação e relevância.

Após quinze anos, o *NOAJ* ainda não foi digitalizado. O projeto está apenas começando a ser discutido e está se mostrando promissor. No final, será uma contribuição valiosa para o patrimônio cultural e um recurso pedagógico de enorme benefício.

Ao publicar textos do *NOAJ*, estaremos assumindo o risco de agir de forma tendenciosa. Criamos uma imagem parcial, apenas um reflexo de algo que era muito mais. O viés que, no entanto, conscientemente molda nossas ações é motivado por uma ideologia fervorosa de transmissão e continuidade. Nossa aventura será, talvez, menos quixotesca do que a de Pierre

Menard, mas devemos confessar: decidimos reescrever textos já publicados na esperança de que continuem a influenciar as gerações presentes.

A nossa será uma reescrita antológica. Será uma espécie de renascimento dos textos que, acreditamos, têm muito a continuar esclarecendo. Interviremos nos inúmeros volumes que foram publicados, saquearemos certos textos e os exporemos em alguns de nossos volumes. Nunca interviremos nos textos, nunca reivindicaremos a autoria. Confiamos que, dessa forma, abrimos novos diálogos, geramos novas questões e facilitamos novas oportunidades de prazer literário. Mas, ao trazê-los de volta ao centro do palco, também estamos fazendo justiça.

A literatura nos encontra em espaços de intimidade. A literatura judaica, em particular, nos reúne em espaços de intimidade compartilhada. É graças aos textos que ressoam em nossas identidades que surgem questões sobre se o que lemos é um símbolo da realidade ou, pelo contrário, uma forma de dobrar outros ou novos símbolos em direção à realidade. A questão do ser, de quem somos, está intimamente ligada à capacidade de nos vermos refletidos no outro, e a literatura tem um lugar central nesse gesto.

Ler é viajar, conhecer, conectar, sentir, lembrar, imaginar, aprender, questionar, repensar a si mesmo, viver simultaneamente em vários mundos possíveis. Esperamos que os leitores encontrem prazer nesses textos. Talvez, só talvez, isso nos justifique.

## Bibliografia

Borges, Jorge Luis. 2023. *Pierre Menard, autor de Dom Quixote*. Vol. 1, de Obras completas, de Jorge Luis Borges, 737-744. Cidade Autônoma de Buenos Aires: Sudamericana.

Genette, Gérard. 1989. *Palimpsestos*. Literatura na segunda série. Madri: Touro.

Lefevere, André. 1992. *Tradução, Reescrita e Manipulação da Fama Literária*. Londres: Routledge.

## Primeira entrega

Seligson, Esther. 1988. "Sonho de uma Memória". NOAJ 1, nº 2:12–14

### Sonhe com uma memória

Esther Seligson\*

"... pois não há homem que não tenha sua hora e nada que não encontre seu lugar." Pirke Avot para Leonel

A memória havia caído no esquecimento. Ele escapou do labirinto que o aprisionava, cansado de suas idas e vindas no pensamento de que já não conseguia se lembrar de quem, cansado de se repetir nos corredores estreitos à mercê da vontade da memória que não lhe deixava um ponto de descanso, fiação, caleidoscópio, espelho de mil rostos, Até que, em um belo dia, e sem saber muito bem como, uma parede cedeu e ele se viu com o horizonte cheio, livre, alado, um veleiro em águas de imensidade azul, uma gaiivota saturada de ar, uma borboleta entre as flores, um horror da luz multicolorida atingindo os ângulos de todos os prismas. O princípio de que uma intoxicação, vapor de perfume, oscilação de sóis, espirais de sons e ecos reverberando infinitamente. Era a sensação de ocupar todo o espaço, de passar sem variação ou diminuição, de fluir, crescer.

De repente, um pequeno obstáculo na continuidade, um pequeno solavanco na linha reta. Depois, um pico de montanha no final de um cume e outro, cataventos distorcendo o percurso, confundindo-o – para onde? Onde e qual caminho seguir?–, céu após céu no azul, jaspe nas águas, telas na luz: vermelho, violeta, preto. Silêncio. Nada... De onde eu venho? De onde?... A memória havia perdido sua memória. Então começou sua verdadeira história, a busca por sua jornada através das Eras rumo à escuridão das eras, para encontrar a imagem de si mesmo, o pensamento que o protegia, a existência que lhe pertencia, a vida que lhe deu vida. Ele iniciou sua jornada pelos cantos e recantos da lembrança. Correndo, girando, rodopiando, vagando e caindo, pedra polida até se tornar

uma pedra por ser levada pelas correntes em uma jornada sem rios, por dentro, mais fundo, subindo encostas, roncando em abismos, recuperando sua forma original, aproximando-se do limiar dos limiares, condensando, uma gota que é destilada lentamente, lentamente, e cai, Finalmente cai.

No começo, eu lembrava de ser uma Voz. Uma Voz cuja presença se espalhava como um chamado, ardendo sem ser consumida, entre os pastores das planícies e colinas, entre as caravanas cruzando os desertos, uma bênção para o campo, um louvor nas cidades que começavam a ser construídas. Uma voz que se transformou em um grito, o som de uma trombeta, um choque de ferros, carne que cede entre jorros vermelhos de calor – O tempo fica turvo em sua garganta. – pomba em busca de uma folha de oliveira para levar no bico, peregrina ao encontro de um Templo onde ruínas desoladas, cavidades e ossários a aguardam, oferecendo-lhe um rosto, um olhar, a voz de Cassandra invocando o desastre, uma palavra em lábios que se recusam a falar. Uma palavra antiga e próxima que expressava canções de casamento numa manhã – “quando você sair de casa para a igreja, lembre-se que você sai como uma estrela” – uma coroa de murtas, pratos e adufes. Sob o dossel, ela lembra de ter sido o mais belo cocar de noiva, uma onda de alegria perdida e escurecida misturada a canções que eram cantadas em canto de fúnebres. Um sussurro de morte congela em seu peito, um chocalho acompanhado por uma dança macabra, uma longa fila que ele liderou como rabino (em qual das fogueiras sua sabedoria foi queimada? Uma frase sobe à sua boca e queima sua língua: santo? apóstata?), uma longa herança depositada em um Livro, em um verso curvado sobre algumas cartas, na ladainha desenrolada por uma criança, uma criança com pernas magras e sujas, jogos, redondos e olhares atônitos para um mundo de maravilhas, de tantas perguntas. E lembre-se que, na prática, havia uma questão, um acúmulo de imagens investigando (–Se você não decompor o Corpo, e se não incorporar o incorpóreo, o resultado esperado será nulo... Sondar os mistérios da natureza

com o impulso do espírito, como penetrar amorosamente no ventre da mulher...) do visível ao invisível, naufragado em um mar de enigmas, fogos e emanações, decifrando sinais e fórmulas à espera, nostalgia pelo instante que não passa, pela duração não quebrada por nenhum espaço, um momento roubado da transitoriedade, no passado, uma gota de quieto, perfeito, puro, o olhar do amante nos olhos do amado, fusão, recuperar aquele abraço, resgatar essa resposta, explodir e reintegrar. Como? Qual o caminho seguir? Andarilho andante de feiras e tendas, menestrel ou rabula, consolador e profeta das desgraças dos outros, quem lhe dirá a boa sorte? Quem vai te apontar o caminho certo e te trazer de volta à memória, reconhecida, reconciliada? Névoa da alvorada, uma canção de ninar que balança em algum esconderijo do vasto mundo que desperta e o espera limpo de guerras, pois ele se lembra de ter sido uma pausa de paz, um ouvido engravidado, um pão quente, uma luz com chumbo, uma lenda majestosa aninhada em arcos sólidos, uma história contada de século em século, Uma história de homens e anjos, de rebeliões e punições, cidades que as águas engoliram, cataclismos mantidos na memória de dias para memória futura, o esquecimento de um estudante que cochilha sobre seus cadernos à luz de velas e adormece querendo capturar uma memória, consertá-la, reter e embarcar nela, um navio de reminiscências açoitado por ventos de furacão e pesadelos, relâmpagos que, em sua luz repentina, trazem uma certeza, a praia que se vislumbra, o sonho de uma terra prometida, o lar que recebe o viajante do exílio: um deserto (e aquele lugar onde o leite e o mel corriam?), algumas pedras seculares, algumas palmeiras milenares, uma enxada e um arado. Uma esperança de que o retorno não satisfaz, por quê? Por que a espera está dividida em pedaços e desejo e escopo não coincidem? Anseio sem fim:

é isso que a memória parece ter sido, uma elegia de sotaques melancólicos, a textura de uma oração cuja espiral sacode as portas do céu, de um punho que se ergue e ameaça abandonar tudo, sabendo conscientemente que é um prisioneiro. Aspiração ao infinito, borboletas esvoaçando ao redor da chama, murmúrio de florestas que criaram raízes continuamente, flores noturnas que dançam causando chuva, homens sedentos pelo absoluto gravando sua fome e sede na rocha. Um derrame, um único traço atravessando o espaço, que acredita que foi a memória, um suspiro que escapa, de alegria? De pena? (“Ó noite em que você juntou Amado com Amado, Amado no Amado transformado!”), um fogo que arde entre brasas extintas, o cheiro de almíscar subindo como bolhas de cristal sonoro até a própria beira do Tempo, quem vai te chamar pelo nome? Quem vai te despertar do seu sono do esquecimento e te reintegrar à memória?

“Vá para a criança, para o mais silencioso, para aquele que vive pensativo imitando em sua peça o primeiro ato criativo, repetição de repetições, respiração, imagem de imagens, espelho, e agarre-se à sua vontade, catavento, prisma de mil rostos na superfície do sonho, do sonho de um sonhador desperto...

**\*Esther Seligson** (1941–2010) foi uma proeminente escritora, poeta, ensaísta e tradutora mexicana, considerada uma das vozes mais únicas e místicas da literatura de seu país. Sua obra é caracterizada por uma profunda busca espiritual e um estilo que ela mesma definiu como “escrita em espiral”, onde filosofia, mitologia e memória convergem.

**Obras notáveis:**

- *Outros são Os Sonhos* (1973), um romance pelo qual ganhou o prestigioso **Prêmio Xavier Villaurrutia**.
- *La morada en el tiempo* (1981).
- *Sede pelo Mar* (1987).
- *Simiente* (2004).

# O poder do Estado na visão dos sábios judeus

Ethel Barylka (Ma'aleh Adumim, Israel)

## Uma questão desafiadora<sup>1</sup>

Pode parecer curioso, pelo nosso tempo e pelo nosso conhecimento literário, que a Torá, o Pentateuco que começa com as Escrituras, não fala do Estado ou de suas instituições. No entanto, se adotarmos uma perspectiva no tempo e no espaço, devemos concluir que ela é lógica. No máximo, a Torá fará alguma referência teórica à monarquia, com muitas ressalvas.

A primeira e mais importante forma de organização social, segundo a Torá, não é o governo, mas a administração da justiça. Muito antes da entrega da Torá, aprendemos a disposição para estabelecer um sistema judicial baseado nos Sete Mandamentos de Noáide.

O mundo não pode existir sem justiça. A demanda por justiça em termos gerais e a demanda por justiça social especificamente são prioridades não apenas em termos de tempo, mas também em termos de sua importância radical. Devemos evitar equiparar os conceitos de governo e justiça e ainda menos considerar como certo que, se um existe, o outro aparece imediatamente. Eles não são a mesma coisa.

Nesse contexto, lemos os mandamentos sociais que proíbem a exploração dos pobres, da viúva e do órfão, e em vez disso pedimos empatia com o estrangeiro. “Eles não roubarão em medida de peso,” a “inclinação nem para os pobres nem para os ricos em julgamento, e todos os mandamentos sobre o inimigo e o amigo”...



## SOBRE O AUTOR



Ethel Barylka. Diretora e fundadora da revista Milta. Profissional na área de educação judaica. Ela estudou na Universidade Hebraica de Jerusalém, em Filosofia e Literatura Hebraica, e obteve seu mestrado no Instituto de Judaísmo Contemporâneo da mesma universidade. Concluiu seus estudos em Aplicação da Lei perante os Tribunais Rabínicos nas Instituições de Oh Torah Stone em Jerusalém. Ela é professora no Centro Melton para Educação Judaica da Universidade Hebraica de Jerusalém e no Centro Acadêmico Hertzog. Ela foi coordenadora e diretora de diversos projetos educacionais na esfera judaica latino-americana. Em várias ocasiões, realizou tarefas educacionais no México, Brasil, Uruguai, Chile, Argentina e Espanha; e foi professora em diferentes instituições acadêmicas em Israel. Criadora e diretora do projeto “Mulheres e Judaísmo” – [www.muierviudaismo.com](http://www.muierviudaismo.com). Ela é autora de: *Judaísmo en Femenino* (2018), *Apuntes sobre la identidad judío postmoderna* (2002) e *El desafío de la Realización – Historia del Hanoar Hatzioni* (1989).

<sup>1</sup> Este trabalho foi originalmente publicado em El Olivo, XLV, nº 94 (2021), pp. 37–50, Centro de Estudios Judeo-Cristianos (CEJC), Madrid (ISSN 0211-5514). Jerusalém, 22 de julho de 2021.

Nesse contexto, encontramos a afirmação profética permanente – os profetas não vão confrontar o rei sobre boa ou má administração ou derrota militar, mas, em princípio, sobre a promoção ou não de uma sociedade justa e a aplicação das normas sociais estabelecidas na Torá. A observância do homem aos padrões do homem em relação ao próximo está no centro da reivindicação profética, assim como uma advertência para um ritual que não é acompanhado por uma atitude social correspondente e predisposições para responder de certa forma com reações favoráveis ou desfavoráveis a algo.

Agora, no período descrito na Torá, o povo judeu não possui um Estado em termos do que conhecemos como um Estado pré-moderno. Obviamente, existe uma organização social. Uma vez no deserto, Moshe, guiado por seu sogro Yisro, estabelecerá um sistema judiciário para resolver conflitos

“Mas escolham entre todas as pessoas homens capazes e tementes a Deus, homens integros que odeiam o ganho imundo, e coloquem-nos diante deles como líderes de milhares, centenas, cinquenta e dez, para julgar o povo em todos os momentos” (Êxodo 18:21-22).

É assim que uma estrutura de poder que busca a administração da justiça será fundamentada... Moshe, em princípio, não é um governador, ele é um legislador.

Até certo ponto, é o próprio juiz quem exerce o Poder Executivo e o Poder Judicial, ou, se preferir, quem está no comando do Poder Judicial, exercerá os poderes do Executivo, um sistema inconcebível para aqueles que desejam seguir os ensinamentos de Montesquieu, que argumentava que “todo homem que tem poder tende a abusar dele; Vai até encontrar limites. Para que não seja abusado, é necessário que, pela disposição das coisas, o poder pare o poder.” O Sacerdócio, a terceira pata do poder, está

separado, em uma clara distinção entre funções civis e o que hoje chamaríamos de “religioso”.

## A observância do homem aos padrões do homem em relação ao próximo está no centro da reivindicação profética, assim como uma advertência para um ritual que não é acompanhado por uma atitude social correspondente

Essa situação mudará com a entrada das tribos de Israel formadas pelos sucessores dos escravos libertos do Egito na terra de Israel, mas fundamentalmente será instituída quando o povo for expulso de sua terra, após ter tentado diferentes sistemas de governo quando os filhos de Israel gozavam de soberania em seu território.

Por isso, quando falamos da visão dos sábios, devemos nos perguntar: *Qual é a visão do poder do Estado de uma intelectualidade em situação permanente de minoria exilada, sujeita a regimes sob os quais residia sem poder soberano?* Uma minoria que raramente desfrutava dos direitos mais mínimos dos cidadãos.

Encontramos a primeira elaboração da teoria do Estado nos textos dos sábios da Mishná e do Talmude, ou seja, falamos de um período histórico que cobre cerca de 500 anos entre aproximadamente o ano 100 d.C. e o século VII, e incluímos nele a contribuição dos sábios medievais cujas interpretações estão incluídas no Talmude. e os chamados Rishonim – os primeiros – que eram os rabinos chefes, e os Poskim que viveram aproximadamente entre os séculos XI e XV, antes da escrita do Shulchan Aruch e depois dos Geonim. Os rabinos eruditos posteriores do Shulchan Aruch são conhecidos como “Acaronim” ou posteriores.

Ao longo desse período, que estabelece as bases da visão judaica em geral e, em nosso caso, do assunto que nos convoca, os juristas e sábios do Talmude criam, escrevem e determinam a norma em condições de anormalidade, no sentido de que são líderes de um povo que é uma minoria exilado em diferentes países da dispersão.

Portanto, tudo que diz respeito à questão do poder estatal será amplamente influenciado por essa condição de minoria não soberana. Por outro lado, os sábios que continuarem a criar na Terra de Israel o farão sob poderes conquistadores estrangeiros...

## O PERÍODO BÍBLICO NA TERRA DE ISRAEL

O que acontece quando o povo entra na Terra de Israel então?

Vamos analisar as Escrituras e as tentativas de sua interpretação clássica:

“Quando entrares na terra que o SENHOR teu Deus te dá, e a herdares, e nela habitares, e disseres: Eu farei rei sobre mim, como todos os gentios que estão por perto; certamente farás rei sobre ti, aquele que o Senhor teu Deus escolher. De entre os teus irmãos farás rei sobre ti; Você não pode colocar um homem estrangeiro acima de você, exceto seu irmão. Apenas que não houvesse aumento de cavalos, nem enviasse o povo de volta ao Egito para aumentar os cavalos; pois o Senhor vos disse: ‘Não dedeis mais tentar voltar assim.’ Também não aumentará para si mesmo mulheres, para que seu coração não se perda; nem prata nem ouro se multiplicarão muito” Deuteronomio (Devarim) 17:14-17.

Esta fonte que trata do tema da monarquia é talvez a primeira que podemos ver em relação ao tema do poder.

A questão fundamental que os exegetas

se faziam até que ponto isso é uma ordem ou uma descrição. É obrigatório definir um rei? Por um lado, a fonte diz “e você diz” e, por outro, diz “você colocará um rei acima de você”, ou seja, a primeira questão é se há obrigação de coroar um rei ou se, caso a circunstância seja que o povo diga que quer um rei, então coloque um rei sobre eles.

## Qual é a visão do poder do Estado de uma intelectualidade em situação permanente de minoria exilada, sujeita a regimes sob os quais residia sem poder soberano?

E é assim que o Tratado do Sinédrio 20b coloca:

“E assim diria o Rabino Yehudah: Três mitzvot foram ordenadas ao povo ao entrar em Eretz Yisrael: estabelecer **um rei por conta própria** (Deut. 17:14–15), **e terminar com os descendentes de Amaleque** (Deut. 25:17–19), **e construir a Casa Escolhida**, ou seja, o Templo, (Deut. 12:10–12).

De acordo com essa visão, estabelecer um rei é uma ordem. No entanto, a segunda opinião afirma:

O rabino Nehoray diz: Esta passagem bíblica sobre a nomeação de um rei **foi declarada apenas em resposta à reivindicação do povo**, pois é dito: “Quando vierem à terra que o Senhor, vosso Deus, vos está dando, e ele a possuirá e eu habitarei lá, e direi: ‘Colocarei um rei sobre mim...’” (Deut. 17:14).

Em outras palavras, não é uma ordem, mas uma reação a uma situação específica.

Em I Samuel 8:11-17 vemos a realidade:

“Então todos os anciãos de Israel se reuniram, e vieram a Samuel em Ramah e disseram-lhe: Eis que tu és velho, e os teus filhos não vão nos teus caminhos; portanto, agora nomei-nos um rei para nos julgar, como todos os gentios fizeram. **E Samuel ficou descontente com essa palavra que disseram: “Dê-nos um rei para nos julgar.”** E Samuel orou ao Senhor. E o Senhor disse a Samuel: Ouça a voz do povo em tudo o que lhe dizem; pois eles não te rejeitaram, mas eu fui rejeitada, para que eu não possa reinar sobre eles... **Agora, portanto, ouçam sua voz; mas protestem contra eles, declarando primeiro o direito do rei que deve reinar sobre eles.**

E Samuel disse todas as palavras do Senhor ao povo que lhe pediu um rei. E ele disse: Este será o direito do rei que reinará sobre vocês; Ele levará seus filhos e os colocará em seus carros e em seus cavaleiros, para que corram diante de seu carro. E capitães de mil serão eleitos, e capitães de cinquenta; Ele também os colocará para arar seus campos, colher sua colheita, fabricar suas armas de guerra e os estoques de suas carruagens. Ele também vai levar suas filhas para serem perfumistas, cozinheiras e amassadoras. Ele também tomará suas terras, seus vinhedos e seus bons olivais, e os dará aos seus servos. Ele dará o dízimo às suas sementes e aos seus vinhedos, para dar aos seus eunucos e servos. Ele levará seus servos homens e mulheres, e seus bons jovens, e seus burros, e com eles fará suas obras. Ele também dará o dízimo ao seu rebanho, e finalmente vocês serão seus servos. E você chorará naquele dia por causa do seu rei que escolheu, mas o Senhor não vos ouvirá nesse dia.”

Pelo menos duas lições podem ser aprendidas com este episódio: 1. Não é uma ordem. Se Samuel estivesse, ele não teria expressado desaprovação. 2. Ter um rei implica estar disposto a correr riscos com o abuso de poder.

Maimônides explica que a ira de Samuel decorre justamente do fato de que a reivindicação dos líderes do povo de ter um rei não vinha do desejo de cumprir um mandamento, mas do desejo de se assemelhar aos outros povos, e de alguma forma porque eles estavam se rebelando contra a autoridade do profeta, o próprio Samuel. Talvez, possamos pensar, em um desejo de se afastar da ideia da supremacia de Deus, o único que de fato reina sobre os homens.

Talvez por isso Deuteronômio tenha estipulado:

“E acontecerá que, quando ele se sentar no trono de seu reino, terá uma cópia desta segunda lei escrita em um livro na presença dos sacerdotes levíticos. E ele a terá consigo, e lerá nela todos os dias de sua vida, para que aprenda a temer o Senhor seu Deus, a guardar todas as palavras desta lei e destes estatutos, para as fazer. Que seu coração não se eleve acima dos irmãos, nem se afaste do mandamento para a mão direita ou para a esquerda; para que ele tenha longos dias em seu reino, ele e seus filhos, no meio de Israel” Deut. 17: 18-20.

Uma forma clara de alertar contra o abuso de poder que parece ser a tendência natural do rei.

Quanto aos direitos do rei, os sábios envolveram-se em uma controvérsia no Tratado do Sinédrio 20b:

“Rav Yehuda diz que Shmuel diz: Em conexão com todas as ações indicadas na passagem bíblica sobre o rei (ver I Samuel 8:11-17), o rei tem permissão para realizá-las... Rav diz: Esta passagem tinha apenas a intenção de ameaçar (intimidar) o povo, pois diz: “E vós farás o vosso rei sobre vós” (Deut. 17:15), significando que o medo deles deve estar sobre vocês. Mas o rei não pode realizar as ações estabelecidas nele.

A Guemara comenta que esse desacordo é

paralelo a uma disputa entre tanaitas, como ensinado em uma baraita:

“O Rabino Yosei diz: Em relação a todas as ações indicadas na passagem sobre o rei, um rei pode realizá-las.”

O Rabino Yehuda diz: “Esta passagem tinha apenas o propósito de assustar o povo judeu, pois diz: ‘E vós farás o vosso rei sobre vós’ (Deut.17:15), ou seja, é necessário que o medo deles seja aplicado a vocês.”

As Escrituras nos dizem que o rei de Israel nem sempre agiu de acordo com a norma estabelecida pela Torá, provando ex post facto a correção dos avisos contra a instituição monárquica. Como atestam esses relatos conhecidos:

“Ele tomou uma junta de bois, cortou-os em pedaços e os enviou por toda a terra de Israel por mensageiros, dizendo: ‘Assim será feito aos bois daquele que não sair atrás de Saul e depois de Samuel.’ Então o terror do SENHOR caiu sobre o povo, e eles saíram como um só homem” I Samuel 11; 7.

“E estes são os registros do recrutamento (trabalho forçado) que o rei Salomão impôs para construir a casa do SENHOR, sua própria casa, o Milo (fortaleza), a muralha de Jerusalém e as cidades de Hazor, Megido e Gezer” (I Reis 9:15, 15).

Ou o próprio Davi, segundo a famosa parábola de Nathan...

“O Senhor enviou Nathan, o profeta, para ver Davi. Quando Nathan veio até ele, disse: “Havia dois homens em uma cidade. Um era rico e o outro pobre. O homem rico tinha um grande número de ovelhas e gado, mas o pobre tinha apenas uma ovelha que havia comprado. E ele mesmo a criou, e a pequena ovelha cresceu na companhia dele e de seus filhos; Ele comia de sua própria comida, bebia de seu próprio copo e dormia sobre o próprio peito. Aquele

homem a amava como uma filha! Um dia, um viajante veio visitar o homem rico; Mas ele não levou nenhuma de suas ovelhas ou rebanhos para preparar comida para seu visitante, mas levou a pequena ovelha do pobre homem e a preparou para dar a quem havia chegado. Davi ficou muito irritado com o homem e disse a Nathan: “Juro por Deus que quem fez tal coisa merece a morte.” E ele deve pagar quatro vezes o valor da ovelhinha, porque agiu sem mostrar compaixão! Então Nathan disse a ele: “Você é esse homem!” E é isso que o Senhor, o Deus de Israel, declarou: “Eu te escolhi como rei de Israel e te libertei do poder de Saul; Eu te dei o palácio e as esposas do teu senhor, e até o reino de Israel e Judá. Como se isso não fosse suficiente, eu teria acrescentado muitas outras coisas. Por que você desprezou minha palavra e fez o que eu não gosto? Você matou Urias, o hitita, usando os amonitas para matá-lo, e tomou sua esposa. Como você me desprezou ao tomar a esposa de Urias, o Hitita, para torná-la sua esposa, a violência nunca partirá de sua casa. Eu, o Senhor, declaro: ‘Farei surgir o mal contra vocês da sua própria família, e diante de vocês tomari-ei suas esposas e as darei a uma de suas famílias, que deitará com elas em plena luz do sol. Se vocês agiram em segredo, agirei na presença de todo Israel e sob plena luz do sol.” II Samuel 12:1-12.

## A relação entre o Estado e o poder na realidade da diáspora

Embora o tema do rei prepare as bases, a relação com o poder será determinada pela realidade da vida na dispersão após a destruição do Segundo Templo em Jerusalém em 70 d.C.

Será Shmuel, o sábio, quem estabelecerá a famosa norma da “*Dina de Malchuta Dina*”, a lei do reino é a lei, que guiará o povo em sua relação com o poder ao longo do período de exílio até a restituição da soberania nacional no moderno Estado de Israel e até hoje nos países das diásporas.

Literalmente “a lei do governo [em casos civis] é lei” ou “a lei do país é a lei”), é um princípio do direito religioso judaico que a lei civil do país é vinculante para os habitantes judeus daquele país e, em certos casos, deve ser preferida à lei judaica. O conceito de *dina de malchuta dina* é semelhante ao conceito de conflito de leis em outros sistemas jurídicos. Ele aparece em pelo menos vinte e cinco lugares no Shulchan Aruch.

O princípio da *dina demachjuta* *dina* significa que, para os judeus, a obediência à lei civil do país em que vivem é vista como uma obrigação religiosa e a desobediência é uma transgressão, segundo a lei judaica. Esse princípio geral está sujeito, no entanto, às qualificações de que o governo que promulga a lei deve ser reconhecido pela lei judaica como legítimo; a lei deve se aplicar igualmente a todos os habitantes, judeus e não judeus igualmente; e a lei não deve contrariar o espírito das leis derivadas da Torá, mesmo que uma determinada regulamentação possa ser contrária a uma disposição da lei judaica.

É importante notar que a norma se refere à esfera pública, enquanto na esfera privada a lei judaica continuará a se aplicar. Ou seja, diferentes judeus, em diferentes partes do mundo, serão regidos por leis diferentes dependendo dos governos sob os quais se encontram, como resultado da própria lei religiosa judaica que estabelece a norma em vigor em cada país. Essa diretriz permitiu às comunidades judaicas manter sua autonomia em tudo que se referisse à sua organização interna e coexistir com o mundo ao redor, enquanto obedeciam à lei do lugar, pagavam impostos, etc.

A Gemara refere-se à questão do direito civil da seguinte forma:

Shmuel diz: *A lei do reino é a lei*, e o princípio haláchico é que os judeus devem obedecer às leis do estado onde residem.

Rava disse: Saiba que esse princípio é verdadeiro pelo fato de que as autoridades municipais cortam palmeiras sem o consentimento de seus proprietários e constroem pontes para elas, e mesmo assim nós as cruzamos. (Obviamente, a madeira não é considerada propriedade roubada, o que é proibido de usar, pois a lei do reino é a lei), então o Estado tem o direito de expropriação para fins de utilidade pública.

**O princípio da *dina demachjuta* *dina* significa que, para os judeus, a obediência à lei civil do país em que vivem é vista como uma obrigação religiosa e a desobediência é uma transgressão, segundo a lei judaica.**

Abaye disse a Rava: Talvez a razão pela qual as pontes podem ser usadas seja porque seus donos desistiram de recuperá-las e não porque a lei do reino é a lei.

Rava disse a Abaye: Se não fosse pelo fato de que a lei do reino é a lei, como a “renúncia” dos donos das árvores nos permitiria usar as pontes? (O fato de os proprietários terem perdido a esperança de recuperar sua madeira não afeta a transferência de propriedade e, portanto, ainda lhes pertence.)

Tratado de Baba Kama 113b

No mesmo contexto, Maimônides afirma, nas Leis de Roubo e Perda de Propriedade – Capítulo 5, regra 18

Em quais casos esse princípio [a lei do rei é a lei] se aplica?

Quando as moedas do rei são aceitas em todas essas terras [sob seu controle], os habitantes daquele país concordam com ele e aceitam que ele é seu senhor e que eles são para ele como escravos. Mas se suas moedas não circularem, ele é como um ladrão pela força e como um bando de ladrões armados cujas leis não são aplicadas, e tal rei e todos os seus servos são considerados ladrões em todos os assuntos.

Esse princípio tornou dever religioso dos judeus obedecer às leis do país. Portanto, embora os judeus tivessem seus próprios tribunais civis, Shmuel achava que a lei persa deveria ser levada em conta e que várias normas judaicas deveriam ser modificadas de acordo com ela.

Voltaremos a esses conceitos mais adiante. Por outro lado, surge a questão de saber se essa regra se aplica apenas à Diáspora ou também à Terra de Israel, a lei do reino ou do Estado deve ser obedecida mesmo quando não é guiada pela Torá?

Tosafot escreveu que o conceito de *'dina de-malchuta dina'* se aplica exclusivamente a reis não judeus; já que a terra é deles e ele pode dizer que, se alguém não obedecer à sua ordem, será expulso da terra; no entanto, os reis judeus não podem fazê-lo porque todos os judeus são parceiros na Terra de Israel.

## Babilônia e Roma como dois eixos.

Babilônia é um modelo de autonomia comunitária sob um estado soberano "gentio" e Roma como uma potência estrangeira que conquista e subjuga, interferindo no que até então era o estado soberano de Israel.

Encontramos no Talmude um número infinito de testemunhos sobre o confronto

com o poder estrangeiro e a luta, também armada, contra ele, mas não podemos lidar com eles aqui.

O povo judeu, de fato, não precisou enfrentar as normas sobre o poder do Estado durante os 2000 anos de exílio até os dias atuais com o estabelecimento do moderno Estado de Israel.

É praticamente Maimônides quem vai parar nas regras da realeza, incluindo as das guerras, influenciadas pelos regimes sob seus domínios.

Seus princípios são: Os súditos estão sujeitos às regras do rei. O rei, o estado, pode confiscar bens, terras, pelo poder de sua autoridade até hoje. De acordo com a norma judaica, deve-se obedecer a um poder que não é governado pela Torá. Sem esse princípio de obediência à regra do local de residência, os judeus não teriam conseguido residir em nenhum espaço diaspórico.

Essa questão preocupava os sábios não apenas na Diáspora, mas também em Israel. Quando Israel está sob domínio estrangeiro, a lei do conquistador deve ser obedecida? No moderno Estado secular de Israel, a mesma diretriz se aplica?

Quando os sábios de Israel precisam lidar com a questão do poder na diáspora, o primeiro referencial são as fontes que vimos.

Fica a dúvida de como a lei hebraica concede autoridade e até supremacia à lei gentia de forma tão radical e está disposta a se submeter a ela. Como vimos, isso se aplica ao direito público e não regula as relações entre o homem e seu vizinho, que permanecem domínio absoluto da Halachá, mas entre o homem e o Estado, na situação de exílio, para preencher a lacuna legal criada pela cessação da soberania nacional e pelas relações de poder entre uma minoria perseguida e a autoridade local que goza do direito à liberdade de expressão. toda a força para aplicar seus critérios.

A base da decisão permanece no tratado sobre o Rei.

## O Renovado Estado de Israel

Então, isso significa que não há civis quando estamos em nosso próprio estado?

Como o conceito de “a lei do reino é a lei” se aplica quando somos uma sociedade independente e soberana? Há aqueles que sustentaram, como vimos, que isso é válido apenas na diáspora, portanto, a lei civil do Estado de Israel não deve ser obedecida, não precisamos cumprir as leis? Podemos não pagar impostos? Deveria haver anarquia em Israel?

Parece uma contradição.

A lei hebraica pode responder às necessidades do Estado atual? Pode haver uma democracia baseada na lei hebraica?

Se considerarmos o Estado de Israel como o início da Redenção, pareceria mais do que óbvio que as normas estabelecidas pela Halachá, que contemplam tanto o público quanto o privado, devem ser aplicadas, um argumento que pode, claro, gerar medo ou suspeita. Estamos falando de uma teocracia ou a lei hebraica pode coexistir com a democracia moderna?

Juristas do nosso tempo, como o Prof. Rakover ou o Juiz Elon, sustentavam que isso é possível. Ambos tentaram ver como a Torá pode inspirar a lei estatal de Israel.

Embora o professor Shalom Rosenberg sustente que é, no mínimo, complexo, “é uma ideia que parte da anarquia, cuja base está a fé no reino de Deus, a visão do Gênesis e a utopia da nação. A anarquia de uma sociedade que tem fé suficiente em

Deus e não precisa da imposição do governo seria a solução a priori. Todo o resto já leva a realidade em conta. No reino do passado também, e também na democracia, essas são possíveis soluções retrospectivas. O melhor em qualquer momento. E esperamos não precisar de uma solução pior.”

Vamos voltar por um momento aos conceitos básicos de democracia e maioria como estão incorporados na Torá.

“Você não vai admitir boatos falsos. Você não deve se unir aos ímpios para ser uma falsa testemunha. **Não seguirás os muitos** para fazer o mal; nem responderás em litígio curvando-te aos muitos para fazer mal; nem distinguirás os pobres em sua causa.”

**O objetivo é fazer o bem. Não se trata de seguir a maioria, mas de segui-la apenas se for para fazer o bem. O valor do bem supera o da maioria.**

O objetivo é fazer o bem. Não se trata de seguir a maioria, mas de segui-la apenas se for para fazer o bem. O valor do bem supera o da maioria. Como estabelecer o que é o bem? Isso é normativamente guiado pela própria Lei e não pelo que o homem, em sua inclinação, decide.

É assim que a Mehillta do rabino Ishmael explica:

“Não te curvarás depois de muitos ao mal” (Êxodo 23:2): A implicação é que não governas com eles (com a corte) o mal, mas governas com eles para o bem. Como assim? Se doze (dos vinte e três juízes) absolverem e onze incriminarem, ele é absolvido. Se treze incriminam e

dez absolvem, são incriminados. Mas se onze absolvem e doze incriminam, eles são incriminados? Portanto, está escrito (Ibid.) (no singular) “nem responderás em disputa” - As Escrituras dizem: Matem por testemunhas; assim como para matar são necessárias testemunhas, (no mínimo de) duas são necessárias, assim também aqueles que inclinam a balança são dois (e não um). Se onze absolvidos e onze incriminados, e um disser que não sei, outro será adicionado: uma exortação ao juiz para se curvar (com base em uma) apenas para a absolvição (e não na acusação). Portanto, “Não fale (no singular) em uma disputa.”

Não só o juiz não deve se curvar diante da maioria para fazer o mal, como também a testemunha não deve fazê-lo, seguindo a pressão da maioria. Embora não falemos sobre democracia como a conhecíamos na Grécia, a questão da importância da maioria aparece claramente, especialmente na esfera judicial, que, como já vimos, é a área considerada a fundamental.

Essa visão é reforçada nos livros proféticos, desde a parábola de Nathan até as exortações de Amós...

Poder corrompe e não é apenas uma teoria. O poder vem acompanhado de dinheiro.

Da exploração, da falta de sensibilidade para com o outro... Salomão impõe pesados fardos ao povo para construir um templo que, além de ser um altar, é uma espécie de monumento ao seu reinado... Veremos muitos assim na história.

A dinâmica da história fez com que o Estado moderno de Israel não seja governado apenas por normas haláchicas, com exceção das normas do Direito de Família que o direito civil atribuiu aos tribunais de cada religião. Portanto, se houver qualquer contradição entre as normas estabelecidas pelo poder civil e pela lei bíblica e sua interpretação talmúdica e postal-módica, o direito civil também prevalece no Estado de Israel.

No entanto, o espírito da lei judaica pode inspirar e fixar os valores à luz dos quais o direito civil será desenvolvido. “Justiça, justiça, você deve perseguir” não é apenas um slogan, mas uma diretriz prática e concreta que devemos aplicar na esfera pública.

“Pois o SENHOR será nosso juiz, o SENHOR será nosso legislador, o SENHOR será nosso rei” (Isaías 33:22), não implicando uma teocracia, mas um ensinamento claro de que não dependemos apenas da vontade do governante do dia, mas dos valores que derivam de uma fonte ética que transcende a sociedade humana.

**O espírito da lei judaica pode inspirar e fixar os valores à luz dos quais o direito civil será desenvolvido. “Justiça, justiça, você deve perseguir” não é apenas um slogan, mas uma diretriz prática e concreta que devemos aplicar na esfera pública.**

# A vulnerabilidade que acende as luzes

Raquel Markus-Finckler (Caracas, Venezuela)

## SOBRE O AUTOR



Jornalista, escritora, poeta, pesquisadora histórica e editora judia venezuelana. Mãe e esposa. Doutorado Honorário, menção aos Direitos Humanos concedido pela Fundação da Universidade Hispânica. Vencedor do primeiro lugar em vários concursos literários realizados na Venezuela e internacionalmente. Membro da Academia Venezuelana de Genealogia. Membro ativo do Círculo de Escritores da Venezuela. Membro do Comitê Venezuelano de Yad Vashem. Autor das coletâneas de poesia *Escribir para existir*, *Donde reside la belleza* e *Las Horas Negras*. Contato: @escritora.creativa

O ato terrorista contra a comunidade judaica em Sydney, Austrália, durante o acendimento da primeira vela de Chanuká, seguido por pequenos ataques em outros países e tentativas de ataques que foram impedidas a tempo, revela uma verdade desconfortável que muitos preferem não encarar de frente: no Oriente e no Ocidente, os judeus hoje vivem em um estado real de vulnerabilidade.

E não se trata da vulnerabilidade que é proclamada e celebrada. Não estou falando de “vulnerabilidade” transformada em um conceito atraente, que é exibido, mitificado e transformado em capital simbólico. Aquilo que, bem administrado, traz empatia imediata, seguidores e aprovação pública. Aquele que é vendido, comercializado e acaba se tornando narrativa, identidade e slogan.

Estou falando do verdadeiro. Do tipo que ninguém quer experimentar em sua própria carne. Aquele sobre o qual poucos ousam escrever, aquele que não tem nome, aquele que o mundo prefere ignorar.

Estou me referindo à vulnerabilidade que nós, judeus, um grupo equivalente a 0,2% da população mundial, sentimos quando saímos de casa para acender velas em espaços públicos e voltarmos feridos, traumatizados, em luto... ou, no pior dos casos, simplesmente não retornamos.

É isso que acontece quando o medo deixa de ser uma metáfora ou discurso político e se torna um protocolo de segurança comunitária. Ser realmente vulnerável não é uma tendência, não é algo comercializável, não é algo anunciado em manchetes ou fóruns de opinião.

A vulnerabilidade das comunidades judaicas em países ocidentais não gera campanhas massivas de solidariedade ou mensagens públicas de apoio, não provoca indignação em discursos políticos, não ocupa debates televisionados nem provoca declarações grandiloquentes de opinadores profissionais.

Também não é mencionado em chats privados ou em grupos dedicados à cultura, arte, literatura ou direitos humanos. Talvez isso se torne mais evidente quando, em dezenas de espaços que se declaram comprometidos com a verdade, justiça e responsabilidade social, o silêncio substitui palavras de protesto, solidariedade ou empatia aos membros judeus desses mesmos grupos diante dos ataques sofridos pelo povo hebreu durante o acender das velas de Chanuka.

**O milagre é que, milhares de anos depois, em cidades ao redor do mundo, o povo judeu ainda brilha luzes. Que nossa história não se dilua.**

Dadas as altas taxas de judeofobia medidas hoje, defender judeus em qualquer espaço dedicado ao “pensamento” é, para muitos, “politicamente incorreto”. A vulnerabilidade judaica é desconfortável porque não se encaixa na narrativa dominante. Porque isso te obriga a tomar uma posição. Porque quebra a ilusão de que o ódio é sempre abstrato, exagerado ou distante.

Há muita conversa sobre vulnerabilidade como escolha, mas a verdadeira não é escolhida. Não é agradável acender velas sob ameaça de morte. Não é nada poético se reunir em torno de um lustre sabendo que o gesto de lutar contra a escuridão pode te tornar alvo de balas. Não há nada de louvável em contar os mortos e feridos durante um feriado que celebra a luz.

E ainda assim, após o que aconteceu na Praia Bondi e outros ataques subsequentes, algo aconteceu que mal foi registrado: as comunidades judaicas do mundo continuam a acender velas de Chanukah em eventos públicos.

Não por ingenuidade. Não por causa da inconsciência. Não por imprudência.

Fizemos isso com medo, com raiva contida, com indignação, luto e tristeza... Mas fizemos mesmo assim.

Continuamos a nos reunir ao redor das luzes para afirmar que, mesmo que sejamos vulneráveis, não permitiremos que o terror tire nossa capacidade de celebrar nossa identidade, nossa cultura e nossa memória.

Não superamos o medo porque somos insensíveis a ele. Fazemos isso porque nos recusamos a dar ao terror, à escuridão e ao ódio a última palavra. Apesar do medo, nos encontramos novamente. Apesar da raiva, cantamos novamente. Apesar do luto, dançamos novamente.

E aqui vale a pena lembrar algo que muitas vezes é dito de forma incompleta: o verdadeiro milagre de Chanukah não é que uma pequena quantidade de óleo tenha sido suficiente para manter a menorá acesa por oito dias no Templo em Jerusalém. Essa história importa, sim, mas atualmente não é o centro do legado de Chanukah.

O milagre é outro.

O milagre é que, milhares de anos depois, em cidades ao redor do mundo, o povo judeu ainda brilha luzes. Que nossa história não se dilua. Que nossa identidade não foi dispersa até se tornar irreconhecível. Que não esqueçamos quem somos, apesar das acusações, expulsões, perseguições e repetidas tentativas de nos condenar à escuridão.

E talvez seja por isso que o ódio persiste. Porque não é só ódio. Também é uma forma distorcida de inveja. Inveja de uma resistência que não se quebra. Rumo a uma identidade que não está mascarada para se encaixar. Em direção a uma determinação que não pede permissão para existir.

O antissemitismo não tolera persistência. Ele não suporta que, geração após geração, após pogroms, guetos, ataques e silêncios, o gesto permaneça o mesmo: uma luz acesa como antídoto para a escuridão.

Acender as luzes de Chanuká hoje não é um gesto decorativo nem um costume herdado. É uma forma de dizer: aqui estamos. Com medo, sim. Com dor também. Mas presente e inquebrável.

Não acendemos luzes porque somos imunes ao medo. Nós os ligamos porque, mesmo com medo, sabemos quem somos.

E enquanto houver uma chama viva, em qualquer praça, em qualquer cidade, em qualquer cantodo mundo, o verdadeiro milagre de Hanukkah continuará acontecendo. Não no óleo. Mas em nossa teimosa persistência.

Chag Canukah Sameach. Sameach.

**O antissemitismo não tolera persistência. Ele não suporta que, geração após geração, após pogroms, guetos, ataques e silêncios, o gesto permaneça o mesmo: uma luz acesa como antídoto para a escuridão.**

# DOS NOSSOS LEITORES

## Judeus em Cuba

José Millet (La Habana, Cuba)

Às vezes, uma palavra que nunca apareceu nas salas de aula do ensino fundamental ou mesmo na educação básica pode lançar luz sobre o que é oficialmente evitado ou que não se deseja que seja levado ao nível de conhecimento público, especialmente das gerações jovens de concidadãos.

Depois de tantos anos dessas experiências de ocultação e evasão do conhecimento escolar simples, pode acabar sendo como uma espécie de casulos de nichos há muito encapsulados e que, por certo paradoxo, me cercaram na cidade venezuelana e mariana de Coro, onde vivi por muitos anos e perto do centro histórico do qual fica o mais antigo cemitério judaico da América Latina. Essa cidade e seu Porto Real de La Vela de Coro foram inscritos em 1992 no registro da UNESCO como Patrimônio Mundial, e talvez alguns não tenham conseguido calcular a importância de ambos os assentamentos como pontos cruciais de destino para a população judaica expulsa da Espanha em 1492 pelos Reis Católicos e que, vindo do Reino Unido dos Países Baixos (Holanda), estabeleceu-se em suas colônias, especialmente em Curaçao, onde barcos carregados de frutas chegam diariamente do Porto Real de La Vela de Coro.

Foi fascinante, quase como realismo mágico, quando avancei no estudo e na pesquisa que me permitiram escrever o roteiro do micro-documentário que produzimos com a cooperativa Visión Manaure — legalizada em Willemstad como uma pequena produtora audiovisual —, e cujos meios técnicos gravamos as sequências em cenários autênticos e as entrevistas com importantes líderes judeus das comunidades de Coro e Curaçao. Naquela época, eu achava que fazia isso sob as exigências da minha qualidade como escritor e etnólogo, tendo experiências semelhantes com comunidades étnicas, como as do Haiti e estabelecidas na Sierra Maestra. Mas nada se move fora da vontade d'Aquele que nos criou e nos guia, e de fato, atrás de mim estava a mão do Criador Supremo, que me conduziu a um autoreconhecimento mais profundo. Eu vi isso quando revisei todo esse processo.

Pouco depois de me juntar à comunidade judia do meu bairro natal, Pueblo Nuevo, na cidade de Holguín — localizada exatamente em frente ao terreno que pertencia ao meu avô francês, que morreu na casa que morava com minha avó Caridad Pérez — contei aos meus irmãos que eu havia vivido no antigo gueto judaico de Varsóvia. precisamente na Rua Samenhoffa, criadora da língua esperanto, e que conversou com membros de algumas famílias que sobreviveram ao Holocausto.



### SOBRE O AUTOR

José Millet (Holguín, 1949). Escritor e etnólogo; estudou no Departamento de Filosofia da Universidade de Havana e é o fundador da Casa del Caribe. Autor de mais de vinte títulos de livros.

Eles ficaram surpresos, e expliquei que, em várias ocasiões, fui convidado pelo Professor Dr. Andrés Dembicz, diretor da Faculdade de Geografia e Estudos Regionais da Universidade de Varsóvia, para participar de eventos internacionais e, depois, ministrar palestras sobre cultura caribenha com estudantes universitários interessados no tema. Fui acomodado no centro histórico da cidade e essa localização privilegiada me permitiu usar os recursos mais inimagináveis para caminhar por vários lugares sem a ajuda de meios auxiliares e ainda menos de um intérprete, porque a alma mater exigia que eu tivesse essa prática libertária inicial como parte de suas normas e métodos acadêmicos.

Corremos alto risco de sermos peitorais “radioativos” quando sentimentos de alta carga negativa são depositados na infância e adolescência. Escrevi este texto motivado pela necessidade de oferecer o testemunho de uma vida vivida antes de 1959 em uma sociedade capitalista e, depois, em outra sociedade onde a propriedade privada era intervinda e quase tudo era nacionalizado (“exceto a escova de dentes e a esposa”, comentou um de seus líderes iniciais), imposto da noite para o dia após essa data transformada em comunista.

Fomos criados e crescemos cercados por estereótipos sociais negativos em relação ao judeu, como observaremos abaixo, associados à “negritude” e ao mal. Lembro que, quando eu era criança, as marchas públicas católicas chamadas procissões, realizadas na Semana Santa pelas ruas da minha cidade natal, evocavam a Via Sacra e, entre seus figurantes, destacavam-se homens encapuzados vestidos inteiramente de preto, representando aqueles que haviam votado pela morte crucificação de nosso Senhor Jesus Cristo. Essa representação do judeu como equivalente ao mal e à traição me acompanharia desde então até o presente, quando pude ver o quanto há manipulação histórica e cultural nessas representações escolares aparentemente ingênuas.



Cemitério judaico de Coro

© José Millet, 19.XI.2025

# NOTAS CULTURAIS

## Iluminando o Chanukah. Crônicas e lendas Novo

livro de Rav Yerahmiel Barylka (2025)



180 páginas, brochura, língua espanhola, ano de publicação 2025.  
Edição em papel e digital para Kindle e computador.

O livro *Iluminando Chanukah* é uma obra que combina tradição, reflexão contemporânea e uma linguagem acessível a todos os públicos. Inclui citações das Escrituras, do Talmude e comentários de pensadores modernos, junto com reflexões pedagógicas que mostram como cada geração reinterpretou o Chanukah de acordo com seus desafios históricos. Ele é baseado em textos menos difundidos, o que nos permite descobrir novos aspectos do Chanukah e propostas reflexivas originais.

Seu autor, rabino Yerahmiel Barylka, foca na Festa dos Luminares, explorando tanto suas raízes em textos antigos quanto sua relevância na vida moderna, e explicando o feriado sob uma perspectiva histórica, espiritual e pedagógica que surpreende o leitor.

A obra não se satisfaz com a apresentação do duplo eixo do festival – a vitória militar dos Macabeus e o milagre do óleo – mas explica como ambas as histórias se complementam e se resignam mutuamente na tradição judaica, e levanta o véu que cobriu uma memória frequentemente oculta

pela passagem do tempo e pelo confronto entre diferentes correntes históricas do povo judeu.

Barylka enfatiza que o Chanukah constitui um paradigma de defesa da liberdade diante da opressão, e que essa mensagem ainda é válida em um mundo onde a voz judaica frequentemente é confrontada com a invisibilidade.

O autor considera certo que o leitor conhece o festival desde a infância, mas considera que esse conhecimento geralmente é interrompido em uma etapa inicial, que o texto busca desafiar, convidando à reflexão e ao diálogo em vez da repetição mecânica dos rituais.

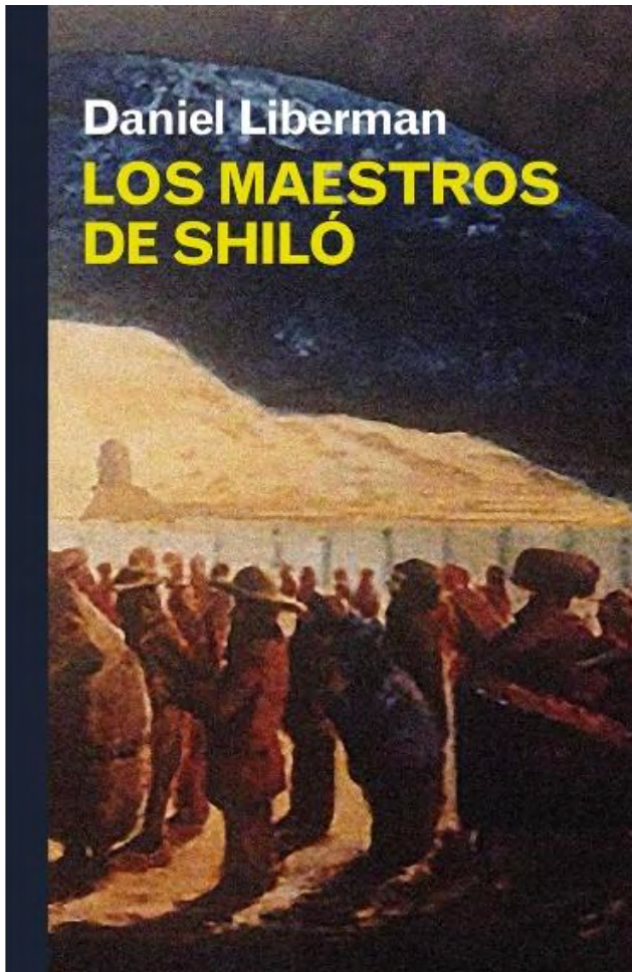
Um dos méritos mais notáveis do *Iluminando o Chanukah* não apenas como uma celebração ritual, mas como uma lição de liberdade e resiliência cultural que permanece relevante no presente. A combinação de fontes clássicas e menos conhecidas, junto com um estilo desafiador, torna este livro uma leitura envolvente para quem busca entender os dilemas da filosofia judaica contemporânea a partir de um feriado icônico, altamente popular, mas pouco pesquisado.

***Iluminando o Hanukkah: Crônicas e Lendas (Edição Espanhola) Edição Kindle***

[Edição Espanhola por Yerahmiel Barylka \(Autor\). Formato: Edição Kindle](#)

## Os Mestres de Shiló

Novo livro de Daniel Liberman (2025)



Idioma de publicação: Espanhol. Data de publicação: 2025.  
Edição em papel e digital para Kindle e computador.

*Os Mestres de Shiló* é uma obra cativante por sua combinação de realidade histórica, conflito social e exploração psicológica. O leitor oscila entre os dilemas externos de uma família judaica em Israel e os mundos internos de seu protagonista, onde os sonhos revelam preocupações que a vida desperta não contém. O romance nos convida a refletir sobre como espaços físicos e espirituais são simultaneamente construídos, negociados e questionados.

O final propõe uma reflexão aberta sobre a identidade judaica contemporânea: a dificuldade de conciliar tradição e modernidade, o choque entre a vida consciente e o mundo dos sonhos, e a ideia de que a construção de territórios externos reflete, em última análise, a construção de territórios internos. Eliyahu fica em um estado de busca, enfatizando que identidade e pertencimento não são pontos de chegada, mas processos em constante evolução.

***Os Mestres de Shiló (Edição em espanhol). Edição Kindle.***

*Edição em espanhol por Daniel Liberman (autor). Formato: Edição Kindle.*

[https://www.amazon.com/-/es/Daniel-Liberman-ebook/dp/B0FRZMVKDZ/ref=monarch\\_sidesheet\\_title](https://www.amazon.com/-/es/Daniel-Liberman-ebook/dp/B0FRZMVKDZ/ref=monarch_sidesheet_title)



REVISTA  
IBEROAMERICANA DE  
PENSAMIENTO, CULTURA  
Y EDUCACIÓN JUDÍA

[Http://revistamilta.org](http://revistamilta.org)



7  
REVISTA

